



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE
EDUCAÇÃO-IE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JUDÔ EM PRATICANTES DA
MODALIDADE**

LUIS CARLOS FEITOSA

Seropédica, RJ

2021

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JUDÔ EM PRATICANTES DA MODALIDADE

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Curso de Pós-graduação em Psicologia – Linha de Pesquisa Processos Psicossociais e Coletivos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^o. Dr. Denis Giovanni Monteiro Naiff

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Denis Giovanni Monteiro Naiff (UFRRJ)
Presidente

Prof. Dr. Ricardo Ruffoni (UFRRJ)
Examinador interno

Prof. Dr. Roberto Alves Garcia (UNIABEU)
Examinador externo

Seropédica, RJ

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTº DE PSICOLOGIA E ORIENTAÇÃO



TERMO Nº 474/2021 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)

Nº do Protocolo: 23083.032976/2021-15

Seropédica-RJ, 13 de maio de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 001, DE 30 DE JUNHO DE 2020
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LUIS CARLOS FEITOSA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre(a)
, no Programa de Pós Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia

DISSERTAÇÃO DENOMINADA

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JUDÔ EM PRATICANTES DA MODALIDADE
APROVADA EM 02/02/2021

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a
implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das
atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a
propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as
assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por
documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de
assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a
folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Identificar membros da banca:

Nome completo. Titulação (Dr., Ph.D.). Instituição (sigla) (Orientador / Coorientador,
Presidente da Banca)

Denis Giovanni Monteiro Naiff - Doutor, UFRRJ - Orientador

Ricardo Ruffoni - Doutor, UFRRJ - Examinador Externo ao Programa

Roberto Alves Garcia - Doutor, UNIABEU - Examinador Externo à Instituição

Documento não acessível publicamente

(Assinado digitalmente em 13/05/2021 11:02)

DENIS GIOVANI MONTEIRO NAIFF

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matrícula: 1547770

(Assinado digitalmente em 13/05/2021 11:14)

RICARDO RUFFONI

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptEFD (11.39.53)
Matrícula: 1938022

(Assinado digitalmente em 18/05/2021 11:08)

ROBERTO ALVES GARCIA

ASSINANTE EXTERNO
CPF: 687.949.247-91

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **474**, ano: **2021**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **13/05/2021** e o código de verificação:
2aa53db8c1

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca Central /
Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ficha catalográfica elaborada com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F311r Feitosa, Luis Carlos, 1988-
As Representações Sociais do Judô em praticantes da
modalidade / Luis Carlos Feitosa. - Rio de Janeiro, 2021.
80 f.: il.

Orientador: Denis Giovani Naiff.

Coorientador: Ricardo Ruffoni.

Coorientador: Roberto Alves Garcia.

Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Psicologia -
PPGPSI, 2021.

1. Representações Sociais. 2. Psicologia Social. 3.
Representações Sociais do Judô. 4. Judô. I. Naiff, DenisGiovani,
1971-, orient. II. Ruffoni, Ricardo , 1963-, coorient. III. Garcia,
Roberto Alves, 1960-,
coorient. IV Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia -PPGPSI. V.
Título.

EPÍGRAFE

“Nossa maior fraqueza está em desistir. O caminho mais certo de vencer é tentar mais uma vez.”

Thomas Edison

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Quando aprendemos a agradecer pela nossa vida, vemos as melhores coisas das pessoas e aprendemos a viver as melhores coisas da nossa vida.

Por isso agradeço:

Ao meu orientador Denis Naiff por sua competência e sabedoria na condução desse trabalho, chego ao final dessa dissertação com a certeza do meu crescimento profissional e pessoal.

A meu coorientador Ricardo Ruffoni ao qual tive o privilégio de conhecer na graduação, e que, desde então, tem contribuído para a minha formação e realização deste momento. Sua sabedoria e competência são uma inspiração para mim, grato por sempre ser muito atencioso com as minhas inquietações e inseguranças.

Ao professor doutor Roberto Alves Garcia que tão gentilmente aceitou participar e colaborar com esta dissertação.

Minha esposa Thais Feitosa, com quem decidi compartilhar o resto da minha vida, e juntos descobrimos o melhor que a vida pode nos oferecer. Grato a você por me ajudar a me tornar cada dia um ser humano melhor. Te amo.

A minha mãe Maria Andradina Feitosa e irmã Renata Feitosa e a todos da minha família por suas lições, dedicação e carinho.

Ao meu amigo Thiago Rosa que me ajudou incansavelmente para que essa dissertação fosse concluída. Sua dedicação com estudos e amizade são inspiradores e levarei sempre com muito carinho comigo. Aproveito para agradecer a todos os amigos e amigas, professores, estagiários e alunos que de forma direta e ou indireta contribuíram para conclusão desse trabalho.

Aos meus amigos de mestrado por todas as trocas de conhecimentos que tivemos ao longo de nossas aulas e das amizades que construímos, cito meus amigos Abel Miki e Ana Paula Souza com os quais tivemos contato desde do início do processo seletivo.

Gratidão à Associação Nagai – RJ e toda a sua família, em especial, as professoras Silvana Nagai e Rejane Luna. A primeira por ser um exemplo e uma inspiração. Seus ensinamentos são diários. A segunda, por sempre estar disposta a ajudar.

A todos do Centro Universitário Celso Lisboa, a coordenadora Ana Cristina Barreto, ao meu coordenador Marcelo Crespo por sua amizade e conselhos que levarei sempre comigo e a todos amigos e professores da instituição.

Ao meu amigo Ivan Luna por ser mais do que um grande amigo, ele é um incentivador e inspirador. Estar ao seu lado em aulas, palestras e competições é um aprendizado constante e uma satisfação.

Por fim grato ao esporte que me ajudou no crescimento profissional e pessoal, que me ensinou a nunca desistir, a sempre ir em busca dos meus sonhos e objetivos e a valorizar as minhas amizades. Cito o meu professor André Silva que, em poucas palavras, é como um pai para mim, agradeço a todos, amigos, professores e alunos que conviveram e que convivem comigo nesse esporte que eu amo.

RESUMO

Feitosa, L. C. (2020). As representações sociais do judô em praticantes da modalidade. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

As representações sociais buscam analisar os saberes consensuais de grupos através da relação entre sujeito e objeto, buscando a compreensão do processo de construção de suas crenças e valores no trato sociológico. O judô é uma luta diferenciada das outras por suas tradições japonesas e seus princípios morais e filosóficos. Este trabalho buscou investigar através do método de evocação livre de palavras do termo indutor “judô” a possível estrutura da RS desta modalidade em seus praticantes. Buscou também analisar possíveis diferenças da RS do judô entre os sexos. Os resultados do estudo indicam que para seus praticantes, os valores, disciplina e respeito que estão intrinsecamente ligados a essa prática. Dessa forma termino o estudo destacando a importância da investigação a respeito do tema das RS do judô, a possibilidade de aprofundamento e de novos trabalhos com diferentes grupos, a fim de enriquecer a ciência de um esporte Olímpico, que é o maior medalhista do país, e que soma mais de 20 milhões de praticantes pelo mundo.

Palavras-chave: Representações Sociais. Judô. Luta.

ABSTRACT

Feitosa, L. C. (2020). The social representations of judo in practitioners of the sport. Master's Dissertation in Psychology. Graduate Program in Psychology, Department of Psychology, Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

The social representations seek to analyze the consensual knowledge of groups through the relationship between subject and object, seeking to understand the process of building their beliefs and values in the sociological approach. Judo is a differentiated fight from the others for its Japanese traditions and its moral and philosophical principles. This work sought to investigate through the free word evocation method of the inductive term “judo”, the possible structure of the SR of this modality in its practitioners. It also sought to analyze possible differences in the RS of judo between the sexes. The results of the study indicate that for its practitioners, the values of discipline and respect are intrinsically linked to this practice. In this way, I end the study by highlighting the importance of research on the subject of RS in judo, the possibility of deepening and new work with different groups, in order to enrich the science of an Olympic sport, which is the biggest medalist in the country, which has more than 20 million practitioners worldwide.

Keywords: Social Representations. Judo.Struggles.

LISTAGEM DE SIGLAS

AJVRJ – Associação de Judô Veteranos do Rio de Janeiro

CBJ – Confederação Brasileira de Judô

COI – Comitê Olímpico Brasileiro

FJERJ – Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro

IRAMUTEQ – Interface R para Texto Multidimensional e Análise de Questionário

ONGS – Instituições Governamentais e Instituições não Governamentais

OSCIPs – Empresas Privadas ou Organizações da Sociedade Civil

RS – Representações Sociais

TNC – Teoria do Núcleo Central

TRS – Teoria das Representações Sociais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTAGEM DE GRÁFICOS

Gráfico1- Relativo à percepção de classe social em que os praticantes de judô treinam....	33
Gráfico2 - Relativo à soma de renda familiar das pessoas que moram com o praticante ...	34
Gráfico3 – Relativo ao sexo dos praticantes de judô.....	36
Gráfico4 – Relativo aos praticantes federados pela FJERJ	38
Gráfico 5 – Relativo ao tempo de filiação a FJERJ.....	39
Gráfico 6 – Referente à participação de atletas em competição.....	40
Gráfico 7 – Referente à frequência de atletas que participam de competições	41
Gráfico 8– Referente ao motivo da prática da modalidade judô	42
Gráfico 9- Referente a um momento positivo que viveu no judô	42
Gráfico 10- Referente a um momento negativo que viveu no judô.....	43
Gráfico 11- Referente a quem foi o seu maior adversário.....	52
Gráfico 12- Referente ao maior incentivador na prática do judô	52

LISTAGEM DE TABELA

Tabela 1- Princípios utilizados por praticantes de judô.....	9
Tabela 2- Medalhistas do Judô em Jogos Olímpicos	12
Tabela 3- Síntese das características do Núcleo Central e do Sistema Periférico das RS... ..	27
Tabela 4- Bairros que os praticantes de judô residem	34
Tabela 5- Agremiações filiadas a FJERJ	36
Tabela 6- Faixa etária dos praticantes de judô	38
Tabela 7 - Análise prototípica dos praticantes de judô.....	46
Tabela 8 – Análise prototípica dos praticantes do sexo masculino	48
Tabela 9 – Análise prototípica dos praticantes do sexo feminino	50

LISTAGEM DE FIGURA

Figura 1 - Esquema ilustrativo dos quatro quadrantes da análise prototípica das representações sociais.....	30
Figura 2 - Esquema ilustrativo (exemplo) da análise de similitude	31
Figura 3 - Análise similitude dos praticantes de judô	47
Figura 4 – Análise de similitude dos praticantes do sexo masculino	49
Figura 5 - Análise similitude dos praticantes do sexo feminino	51
Figura 6- Referente ao resumo do judô em uma palavra.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. CAPÍTULO I -Judô – Caminho da suavidade	07
2.1 Origem e desenvolvimento esportivo	07
2.2 Judô, um simbolismo social	13
2.3 Judô como forma de enfrentamento social	15
2.4 A luta do judô feminino.....	18
3.CAPÍTULO II -Teoria das Representações Sociais	21
3.1 Fundamentos históricos da Representação Social	21
3.2 Conceituando as Representações Sociais	23
3.3 Teoria do Núcleo Central	25
4. OBJETIVO GERAL	28
5. MÉTODO	28
5.1 Amostra	28
5.2 Instrumentos	28
5.3 Análise dos dados	31
5.4 Ética em pesquisa	32
6. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
9. ANEXO I – LOCAIS ONDE SERÁ FEITA A PESQUISA	61
10. ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	62
11. ANEXO III – QUESTIONÁRIO	63

1. INTRODUÇÃO

As representações sociais buscam analisar os saberes consensuais de grupos através da relação entre sujeito e objeto, buscando a compreensão do processo de construção de suas crenças e valores no trato sociológico. O estudo sobre Representações Sociais (RS) começou através do autor Serge Moscovici no ano de 1961 com a obra “Psicanálise, sua imagem e seu público”. Essa temática só veio ganhar força na Europa a partir da década de 1970, tornando-se para alguns autores um dos grandes modelos teórico-metodológico da psicologia social europeia na segunda metade do século XX (MOSCOVICI, 1976).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) consiste em compreender as perspectivas sociais coletivas, sem deixar de relacioná-las a conhecimentos individuais, à discussão de ideais, objetivos e crenças desses indivíduos, na compreensão do que podemos nomear como o senso comum (JODELET E MOSCOVICI, 1990). Nesse âmbito a psicologia social caminha na criação de uma metodologia em que consiga analisar o entendimento do sujeito em relação ao mundo.

Principal colaborador de Serge Moscovici, a autora Denise Jodelet ressalta a importância em simplificar a teoria das RS que é expressada para ela como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (JODELET et al, 1989 p.36).

Buscando dar luz às estruturas representacionais o autor Jean Claude Abric cria a Teoria do Núcleo Central (TNC), que, inicialmente, teve o intuito de complementar e corroborar com estudos de Moscovici. Abric (2000) busca simplificar o entendimento da complexa estrutura representacional por meio da TNC, que substancialmente divide a RS em duas estruturas: Núcleo Central e Elementos Periféricos. O núcleo central concentra os cognemas mais estáveis e que dão maior sentido ao objeto. O sistema periférico, por sua vez, tem características de revestimento ao núcleo central, com características mais flexíveis e passíveis a mudanças, garantindo as adaptações necessárias daquela RS às particularidades dos diferentes grupos (FLAMENT, 2001).

Os estudos sobre as representações sociais estão e são continuamente produzidos no universo sociocultural pela significação e teorização da realidade. Segundo os autores Wolter, Wachelke e Naiff (2016) a abordagem estrutural das representações sociais são

utilizadas com base na análise prototípica (análise das evocações livres) que visa diagnosticar as relações de diferentes cognemas que são ativadas a partir de um objeto de representação.

Na área educacional as representações sociais são ferramentas importantes que podem auxiliar o professor no processo ensino-aprendizagem. Explorar a concepção de seus alunos é fundamental para entender mais sobre eles e construir instrumentos de ensino que possibilitem uma maior compreensão para oferecer um melhor ensino e propiciar a troca de conhecimentos (FEITOSA et al, 2018).

Para Moraes, Ruffoni e Souza (2011) o judô é uma luta diferenciada das outras por suas tradições japonesas e seus princípios morais e filosóficos. Ao praticante, cabe desenvolver-se pautado nos princípios do esporte e dois deles são de grande relevância no contexto do desenvolvimento pessoal, o “*Jita Kyoei*” e o “*Seiryoku Zen 'yo*”, que significam, respectivamente, “prosperidade e benefício mútuo” e “máxima eficiência com o mínimo de esforço” (Kano,1994). Essa luta é valorizada por ter sido desenvolvida com intuito de preservar a integridade em primeiro lugar, assim como proporcionar maior equilíbrio físico e mental em sua prática constante (MORAES, RUFFONI E SOUZA, 2011).

Segundo Virgílio (1986) o judô foi criado em 1882 pelo professor de filosofia Jigoro Kano, com apenas 22 anos, ele era um grande estudioso que tinha pensamentos à frente do seu tempo. Mestre Jigoro Kano desenvolveu essa modalidade com objetivos educacionais e com ideal de criar uma luta que fosse muito além dos propósitos de ataque e defesa, que preservasse acima de tudo seu praticante e que o ambiente de treino fosse saudável para sua prática.

De acordo com a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), rapidamente o esporte foi ficando famoso por todo mundo e sua prática se tornou cada vez mais comum em diversos continentes. Em 1964 a modalidade surgiu como esporte teste nas olimpíadas de Tóquio, mas somente nas olimpíadas da Alemanha, em 1972, se tornou um esporte oficial em Jogos Olímpicos, onde se mantém até os dias de hoje (CBJ, 2019).

O judô feminino só participou oficialmente em Jogos Olímpicos no ano de 1992, nas Olimpíadas de Barcelona. Enfrentando diversas barreiras ao longo de sua história, o judô feminino brasileiro ganhou força e investimentos após sua primeira medalha Olímpica que veio com a atleta Ketleyn Quadros que conquistou o bronze nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 (DE SOUZA, 2006).

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), declarou o Judô como o melhor esporte para formação inicial de crianças e jovens

de quatro a vinte e um anos (CBJ, 2013). No entendimento de Silvana Nagai, professora de um projeto social de judô no Rio de Janeiro, “se um dia eu formar um campeão olímpico será um enorme prazer, mas não será menos prazeroso se eu formar um campeão em outras áreas do conhecimento humano (ANAGAI, 2017).” Para Feitosa et al (2018) existem diversas barreiras e facilitadores para a prática do exercício físico. Conhecer esses indicadores é fundamental para que o professor adote estratégias de intervenção nas barreiras e consiga fomentar os facilitadores para inclusão de pessoas na prática de atividades físicas.

O interesse pelo tema do meu trabalho partiu da minha experiência pessoal que tenho com judô, onde pratico desde os meus 10 anos. Sou natural do Rio de Janeiro e faço parte de uma estatística de tantos outros brasileiros, criado apenas pela minha mãe, uma mulher nordestina, empregada doméstica e com nível de escolaridade baixo, mas mesmo com tantas adversidades, conseguiu ver seus dois filhos formados em uma Universidade.

Uma guerreira como tantas outras, nasceu no Ceará e muito nova depois do falecimento de seus pais decidiu tentar a vida em uma cidade grande. Veio então para o Rio de Janeiro, porém sem completar o ensino fundamental arrumou apenas subempregos que não eram bem remunerados, passando assim a ter que se virar com a criação de seus dois filhos e aprender a viver com muito pouco.

Minha mãe trabalhou como empregada doméstica em diversos lugares e horários, lembro-me quando estava na 2ª série do primário, tive que ficar na escola em período integral: de manhã estudava e de tarde ficava sozinho na escola, o que me acarretou uma reprovação, pois mesmo ficando na escola o tempo todo não me concentrava e não tinha o mínimo de atenção tanto na escola quanto de alguém para me instruir a estudar nesse horário vago.

Passados os anos e diversas mudanças acontecendo, fomos morar em um lugar onde alguns amigos de rua estavam fazendo jiu jitsu, então decidi ir olhar e conhecer essa arte marcial. Chegando à academia fiquei impressionado com essa arte e senti muita vontade de fazer, porém não tinha condições de pagar, mas fui me conformado em apenas assistir os treinos e passei a ir a todos. Cerca de três semanas depois, o professor percebeu o meu interesse e decidiu me dar uma bolsa integral mediante algumas condições como: ter comprometimento, empenho nos treinos e uma situação que me marcou e utilizo até hoje, era que nunca faltasse a nenhum treino, a minha presença era indispensável em todos os treinos.

Um mês treinando Jiu Jitsu apareceu na academia uma nova luta que era o judô, logo o professor também me concedeu uma bolsa e então eu passei a treinar duas lutas (judô e jiu

jitsu). Como não tinha recurso financeiro, treinava com calça de moletom e camisa, até que um dia eu ganhei de uma doação um quimono (uniforme).

Aconteceu um episódio que me marcou, cerca de um ano de treinos judô e jiu jitsu, surgiu um convite para o meu primeiro campeonato de judô, custava cerca de R\$ 35,00 e como o professor já me concedeu uma bolsa na mensalidade, ele não tinha recurso para pagar o campeonato para mim, por mais que ele achasse que eu merecia. Eu não faltava um dia de treino e queria muito participar dessa competição. Eu tinha um cofrinho no qual sempre juntava algumas moedas quando possível. Decidi arriscar e abrir o meu “porquinho” para pagar o campeonato e consegui pagar, porém tudo em moedas, um fato marcante para mim e meu professor quando eu enchi a mão dele de moedas, eu percebi que naquele momento ele ficou emocionado e depois daquele episódio foi o primeiro e último campeonato que paguei, todos os outros o meu professor tirava do próprio bolso e pagava para mim.

Treinei as duas lutas até os meus 16 anos, depois fiquei treinando somente o judô, pois como o meu professor de jiu jitsu mudava com constância de academia, acabou ficando inviável me deslocar para lugares longes. Além dos treinos eu precisava trabalhar para ajudar a minha mãe e irmã, sendo assim com cerca de 12 anos passei a ajudar meu tio como auxiliar de obras, trabalho no qual em minha cabeça na, época, me proporcionava força nos braços e me ajudaria a ter uma pegada mais forte no judô, o que, de certa forma, me motivava, pois no momento da luta eu pensava nas marretadas que dava durante à tarde e as transformava em força na hora da luta.

Não era necessariamente o aluno mais habilidoso da academia, mas sem dúvida era aquele que não faltava a nenhum treino e buscava sempre me superar todos os dias, passei a enxergar no judô como uma possibilidade de mudar de vida.

Consegui me tornar um atleta federado de judô e passei a representar na, época, uma das grandes potências do judô no Rio de Janeiro. Com isso a Universidade Gama Filho me ofereceu uma bolsa integral em uma escola particular. Lembro-me que foi uma decisão muito difícil porque teria que abrir mão da alimentação gratuita que eu tinha na escola pública e vale transporte os quais iriam me fazer muita falta, me geraria um custo financeiro maior em casa.

Minha mãe não queria que eu saísse da escola pública de jeito nenhum, mas eu sabia que deveria correr esse risco para tentar obter um futuro diferente ao do dela. Assim mesmo contrário à sua opinião mudei para escola particular e estudei da 7ª série até me formar no ensino médio. O ingresso a uma escola particular me ofertou acesso ao mundo de uma maneira geral que eu não possuía na minha escola anterior. Com novas amizades e mais

possibilidades passei a sonhar com voos maiores, comecei a enxergar um mundo muito cheio de possibilidades do que imaginava e passei a acreditar que poderia ser quem eu quisesse ser.

Mesmo já sendo faixa marrom, ainda não tinha recursos para bancar meu exame para faixa preta que custava, na época, cerca de R\$ 3.000,00. Foi quando meu professor decidiu me ajudar e junto com outros professores, amigos e familiares, fazendo inúmeras rifas e um almoço beneficente. Como o valor não foi suficiente, o meu professor completou do seu próprio bolso o que faltava para que eu me tornasse um faixa preta, um sensei (professor) de judô. Passei a buscar ingresso a uma faculdade, porém a Universidade na qual era atleta federado faliu e fechou suas portas. Porém graças à sensibilidade do Coordenador de Educação física Ricardo Ruffoni que ouviu a minha história e decidiu me ajudar consegui uma bolsa de 75% no meio do ano letivo em uma faculdade próxima a minha casa chamada Celso Lisboa.

O Ruffoni foi o coordenador que abriu as portas para meu ingresso em uma universidade, mas tarde, ele foi meu professor na graduação, técnico, e depois de formado virou meu amigo, padrinho de casamento e coordenador do meu curso de pós-graduação e hoje meu coorientador em minha dissertação de mestrado, um amigo que posso dizer que, através, do judô transformou a minha vida.

Com o judô pude conhecer diversas cidades e fazer várias amizades e me tornar um atleta com experiência nacional. O que me ajudou no meu primeiro ano de faculdade, foi quando alcancei o título de campeão estadual universitário e, posteriormente, terceiro colocado nas Olimpíadas Universitárias (Evento Nacional). Através dos títulos conquistados no meu primeiro ano consegui um aumento na minha bolsa de estudo universitária que era de 75% e passou a ser de 100%. Comecei a não querer mais trabalhar com obras e como já era universitário, passei a trabalhar com judô, sendo estagiário.

Minha insatisfação em ter uma vida precária começou a me incomodar mais, despertando em mim a cada dia força para evoluir cada vez mais. Anos se passaram e logo após a minha conclusão na faculdade, já estava ministrando aulas em três lugares diferentes, durante alguns anos até surgir uma oportunidade de cursar uma pós-graduação em uma universidade federal, algo inimaginável para mim. Quando entrei pela primeira vez na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro senti uma energia diferente, olhei para um lindo jardim que há no prédio principal e pensei primeiramente em agradecer por estar vivendo tudo aquilo. Em seguida senti um orgulho muito grande. Mesmo com todos os desafios de ficar sem trabalhar um dia e ter que me deslocar todas as sextas-feiras para

Seropédica –RJ, me tornei um professor pós-graduado em lutas, com a minha especialização passei a ter uma melhor remuneração.

O judô me ensinou inúmeras lições, uma delas foi sempre lutar pelos meus objetivos, ter garra, a nunca desistir mesmo quando tudo parece estar perdido e a ter equilíbrio, posso dizer que a disciplina e as amizades construídas dentro dos tatames são cultivadas e levarei para sempre em minha vida.

Compreender as representações sociais de praticantes de judô se faz necessário para nortear futuras intervenções neste campo, reconhecendo de antemão que não se objetiva esgotar essa temática, diante de sua amplitude e complexidade. Com os resultados apresentados nesse estudo espera-se prognosticar futuras ações para o aperfeiçoamento dos praticantes de judô.

2. CAPÍTULO I - JUDÔ – CAMINHO DA SUAVIDADE

Este capítulo tem como objetivo apresentar brevemente a origem e desenvolvimento esportivo da modalidade judô, além de contextualizar sobre o simbolismo social, relato de um praticante, saber como o judô pode ser utilizado para um enfrentamento social e como é representada a luta do judô feminino no país.

2.1 Origem e Desenvolvimento Esportivo

Antes do nascimento do judô, os combates, lutas e confrontos entre pessoas já faziam parte da sociedade, as ações de ataque e defesa assim como a necessidade de caçar, matar, comer, existe desde do início das civilizações, essas atitudes foram se aprimorando e as ações humanas de combate foram se desenvolvendo ao longo dos anos (RUFINO E DARIDO, 2011). Discorre Lançanova (2006) que além da necessidade da caça, a disputa por territórios e a sobrevivência era algo imprescindível para a existência humana. No início os sujeitos utilizavam movimentos instintivos, sem nenhuma tática ou estratégia, mas rapidamente esses estímulos foram evoluindo para técnicas eficazes e táticas específicas para alcançar a vitória em seus combates.

O termo “luta” existe antes das primeiras escritas sobre a história da humanidade pelos seus aspectos de sobrevivência, reprodução e posição social, assim como os demais animais habitantes do planeta, sendo assim não é possível registrar uma data exata do surgimento das lutas, por tanto fica inviável saber uma data precisa do surgimento da luta, mas acredita-se em ser uma criação do homem (BREDA, 2010; LANÇANOVA, 2006).

Seguindo em uma perspectiva evolucionista, surgiram grupos com riquezas imensuráveis trazendo uma necessidade da proteção delas, assim também oportunamente pessoas especialistas nesta função. Esse encargo foi se tornando cada vez mais comum e necessário, tornando os combates frequentes e trazendo uma preocupação na sociedade. Na concepção de Rufino e Darido (2011) a luta passa a ser instrumentalizada com métodos de ensino contendo técnicas e táticas específicas voltadas para os combates contra inimigos.

Para Correia e Franchini (2009) a origem da arte marcial está ligada a história de seu povo, não é possível determinar uma data exata para o seu surgimento, cada nação em cada lugar do mundo foram desenvolvendo, criando e apresentando ao longo dos anos sua origem as lutas de forma genuína, muitas delas aplicadas com bases em prática de treinamentos e conflitos com outros povos. Assim foram primordialmente surgindo técnicas e táticas

autênticas e utilizada necessariamente para proteção de seu povo, mas existem registros que, em alguns lugares, se deram por conta de manifestações religiosas e até mesmo com origens folclóricas, que posteriormente foram se desenvolvendo e criando tipos de artes marciais.

Diversos países foram marcados pelo surgimento de uma ou algumas artes marciais no oriente. Em especial no Japão, as artes marciais eram reputadas pelo seu vasto valor filosófico, em que seus conhecimentos eram transmitidos de pai para filho. De acordo com estudos de Correia e Franchini (2009) e Lançanova (2006) a palavra “arte marcial” tem seu significado na mitologia grega da palavra “arte” significando “Deus da Guerra” e no latim a palavra *martiale* tendo sua origem etimológica em “Marte”. Mostrando que a arte marcial é constituída com objetivo de eliminar os seus oponentes com base em técnicas corporais além de seus conceitos éticos e estéticos.

As lutas são movimentos corporais entre duas pessoas diante de um espaço demarcado, com interação e oposição, por meio de regras pré-estabelecidas. Que para Lançanova (2006, p. 11) significa o “combate, com ou sem armas, entre pessoas ou grupos”, seu significado nasce do latim *luctae* mostra ser diferente da arte marcial por não apresentar um sistema codificado, ético ou estético e culturalmente construído. Deste modo, a arte marcial pode ser considerada uma luta que com seus valores, normas e representatividade social possui características históricas, mas nem toda luta pode ser considerada uma arte marcial por não constituir conceitos e valores.

Assim como diversas artes marciais, o judô nasce no Japão no ano de 1882 com a fundação da sua primeira escola chamada Instituto Kodokan no templo de Eishoji na cidade de Tóquio. Essa modalidade surgiu com base em uma outra arte marcial chamada de Ju Jutsu, uma arte de combate que tinha diversos estilos e até outros nomes dependendo da região onde era praticado. Um de seus objetivos era de derrubar e matar seus oponentes, os treinos contavam com o uso de armas, lanças, espadas, arco-flecha entre outros para serem utilizados em guerras (KANO, 2008).

Jigoro Kano criador do judô era um jovem que tinha uma altura de 1,50 e pesava por volta de 48 kg, sofria muita discriminação de seus colegas de escola onde se envolvia em várias brigas, isso aflorou um sentimento de aprender uma luta onde aprendesse uma defesa pessoal. Jigoro Kano adorava praticar esportes, porém devido sua desvantagem corporal acabava desanimando em tudo que fazia, mas encontrou uma solução nas lutas de contato.

Na visão de Kano (2008), lutar era uma maneira de aprender a se defender, seus treinos incansáveis e sua vontade de querer entender cada vez mais sobre essa arte marcial, fez com que ele se tornasse uma referência com um estilo único. Jigoro Kano com os seus

22 anos fundou o seu próprio método de luta, chamado JUDÔ, cujo significado é JU (suavidade) e DÔ (caminho) onde conta com conhecimentos nague-waza (técnicas de projeção); ossae-waza (técnicas de imobilização); shime-waza (técnicas de estrangulamento) e kansetsu-waza (técnicas de chave de articulação), então inaugurou o instituto Kodokan em Tóquio, com objeto de ensinar a sociedade uma luta que tivesse um caminho de suavidade e gentileza, onde a integridade do seu praticante era primordial.

Visando à interação de seus praticantes com esporte, Jigoro Kano elaborou nove princípios para servir de inspiração e ser seguido na trajetória do “caminho suave”, que foi exemplificada na tabela a seguir (VIRGÍLIO, 1986, P.25):

Tabela 1- Princípios utilizados por praticantes de judô

1	Conhecer-se é dominar-se, dominar-se é triunfar.
2	Quem teme já está vencido.
3	Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade.
4	Quando verificares, com tristeza, que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado.
5	Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância.
6	O judoca não se aperfeiçoa para lutar. Luta para se aperfeiçoar.
7	O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu a seus companheiros.
8	Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem, é o caminho o verdadeiro judoca.
9	Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como ensinar o corpo a obedecer corretamente. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência.

Fonte: (VIRGÍLIO,1986, p. 25)

Durante algum tempo, Kano e seus alunos moraram juntos no templo budista de Eishosi, sede da Kodokan, dedicando-se ao treinamento da nova arte, em tempo integral eles buscavam o aperfeiçoamento e a melhor forma dessa arte marcial. Eles passaram assim a estruturar as primeiras formas, divisão de técnicas e métodos de treinamento no judô. (RUFFONI, 2004).

Formado em filosofia Jigoro Kano buscava em leitura e novos estudos a aplicabilidade da prática do judô, como vivia em uma evolução constante o judô rapidamente foi se difundindo entre as pessoas e países até tornar-se uma prática universal, ele se tornou um esporte que reunia valências que proporcionava uma prática acessível e aplicável para alunos de todas as idades.

De acordo com a Confederação Brasileira de Judô (2019) o judô era praticado no mundo inteiro, isso fez com que o esporte tivesse sua primeira participação nos jogos olímpicos de verão, que é considerado o maior evento esportivo do planeta, no de 1964 em Tokyo ele entrou como evento teste, no ciclo seguinte no México o judô não participou, já no ano de 1972 em Munique o judô fez parte do programa olímpico e perdura até os dias de hoje. Para os autores Nunes e Rubio (2012) a entrada do judô para o quadro de esportes olímpicos tornou ele mais peculiar, além do aumento significativo do número de praticantes por todo o mundo.

No Brasil o judô surgiu através dos imigrantes japoneses, que chegaram principalmente a São Paulo, que até os dias de hoje recebe a maior comunidade de ocidentais do país de acordo com Gonçalves (2008). Juntos com os imigrantes vieram suas culturas e com isso tivemos diversos lutadores que contribuíram na propagação do judô pelo país, corroborando (CBJ, 2019):

O início do judô no Brasil ocorreu sem instituições organizadoras. Apenas na década de 1920 e início dos anos 1930 chegaram ao Brasil os imigrantes que conseguiram organizar as práticas do judô e kendô no país. Em São Paulo, destaque para Tatsuo Okoshi (1924), Katsutoshi Naito (1929), Tokuzo Terazaki (1929 em Belém e 1933 em São Paulo), Yassuishi Ono (1928), Sobei Tani (1931) e Ryuzo Ogawa (1934). Takaji Saigo e Geo Omori, ambos com vínculo na Kodokan, chegaram a abrir academias em São Paulo na década de 1920, porém, essa atividade não teve continuidade. Na década de 1930 Omori foi instrutor na Associação Cristã de Moços no Rio de Janeiro e, posteriormente, se radicou em Minas Gerais. No norte do Paraná, nas cidades de Assaí, Uraí e Londrina, o judô deu seus primeiros passos com Sadai Ishihara (1932) e Shunzo Shimada (1935). Os primeiros professores a chegarem ao Rio de Janeiro, foram Masami Ogino (1934), Takeo Yano (1931), Yoshimasa Nagashima (1935-6 em São Paulo e 1950 no Rio de Janeiro) e Geo Omori, vindo de São Paulo (1930 aproximadamente).

Dentre os imigrantes, os contemporâneos e oriundos da escola de Jigoro Kano os lutadores e professores Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake chegaram no Brasil em 14 de novembro de 1914 por Porto Alegre. Com objetivo de difundir o judô pelo país, eles rodaram praticamente por todo Brasil fazendo demonstrações e desafios. Mitsuyo Maeda que era conhecido como Conde Koma foi para Belém do Pará e Soishiro Satake ficou em Manaus

onde enfatizou o judô e contribuiu para o crescimento do esporte no país (NUNES E RUBIO, 2012).

Segundo Carpeggiani (2004), surgiram outras lutas no Brasil, mas uma em especial contou com a contribuição de um dos discípulos do Jigoro Kano, o Jiu – Jitsu, criado pela família Gracie em Belém do Pará pôr Gastão Gracie com base principalmente aos ensinamentos do antigo Ju Jutsu japonês que foram ensinados a família Grace por Conde Koma.

O Jiu Jitsu foi ganhando visibilidade no cenário nacional, seu surgimento se deu principalmente por meio das vitórias em combates e desafios a outras artes marciais da família Grace principalmente. Mas foi na década de 90 que o Jiu Jitsu ganhou popularidade, e com desejo de solidificar ainda mais o esporte os irmãos os irmãos Carlos e Hélio Gracie decidem no ano de 1930 promover um campeonato de luta livre onde foram convidados vários lutadores de diferentes tipos de artes marciais, tornando essa modalidade de acordo com autores Lise (2014) uma febre que invadiu as academias e centro de treinamentos por todo o Brasil.

Os autores Rufino e Darido (2011) destacam a visibilidade que o jiu jitsu brasileiro ganhou e a sua importância no contexto social, porém ressaltam que devido a seus golpes traumáticos o jiu jitsu não conseguiu se tornar um esporte pelo qual fosse visto como auxílio acadêmico nas escolas do Brasil.

No entanto, o tradicionalismo do judô era enfatizado pelos seus conceitos de disciplina e respeito, esses princípios teóricos eram os que principalmente o rotulavam. Porém para Mesquita (1994) com passar dos anos esses conceitos foram sendo difundidos pelos professores que não se fundamentavam mais nas filosofias tradicionais, deixando de ter todos os conceitos tradicionais e filosóficos do esporte.

Ruffoni (2004) ressalta a importância que o judô tem com seus conceitos filosóficos e ritualísticos que são preceitos que acabam diferenciando essa luta das demais. Existem professores que acreditam que o adestramento físico e técnico de seus alunos são o suficiente para o sucesso esportivo, porém acabam não abordando o aspecto educacional que é importante para que compreendam melhor e se tornem críticos com suas realidades sociais (MESQUITA, 1994).

O judô por sua vez foi ganhando espaço no território nacional, com seus princípios morais e éticos logo se desenvolveu e se organizou através de instituições que auxiliaram no desenvolvimento e crescimento do esporte pelo mundo. No dia 18 de março de 1969 foi

fundada a Confederação Brasileira de Judô (CBJ) que só foi reconhecida de fato após sua primeira medalha olímpica conquistada em 1972 (CBJ, 2019).

No ano de 2019 forma contabilizados no Brasil L mais de 2 milhões de praticantes em 26 estados com federações além do distrito federal, tornando-se também o esporte que mais trouxe medalhas olímpicas para o Brasil, deste dos jogos olímpicos de Los Angeles o judô não deixou de subir ao pódio em nenhuma edição, conforme ilustrado na tabela abaixo (CBJ, 2019):

Tabela 2- Medalhistas do Judô em Jogos Olímpicos

(https://cbj.com.br/galeria_de_campeoes/ , 2019)
1972 (Munique/GER):
Chiaki Ishii (-93kg, bronze)
1984 (Los Angeles/USA):
Douglas Vieira (-95kg, prata)
Walter Carmona (-86kg, bronze)
Luís Onmura (-71kg, bronze)
1988 (Seul/KOR):
Aurélio Miguel (-95kg, ouro)
1992 (Barcelona/ESP):
Rogério Sampaio (-65kg, ouro)
1996 (Atlanta/USA):
Aurélio Miguel (-95kg, bronze)
Henrique Guimarães (-65kg, bronze)
2000 (Sydney/AUS):
Tiago Camilo (-73kg, prata)
Carlos Honorato (-90kg, prata)
2004 (Atenas/GRE):
Leandro Guilherme (-73kg, bronze)
Flávio Canto (-81kg, bronze)
2008 (Pequim/CHN):
Ketleyn Quadros (-57kg, bronze)
Leandro Guilherme (-73kg, bronze)
Tiago Camilo (-81kg, bronze)
2012 (Londres/GBR):
Sarah Menezes(-48kg, ouro)
Mayra Aguiar(-78kg, bronze)
Felipe Kitadai(-60kg, bronze)
Rafael Silva(+100kg, bronze)
2016 (Rio de Janeiro/BRA)
Rafaela Silva (-57kg, ouro)
Mayra Aguiar (-78kg, bronze)

Considerado umas das potências esportivas do Brasil, o judô foi não só se destacando no alto rendimento, como foi ganhando espaço em creches, escolas, projetos sociais, academias, entre outros. Atingindo um nível educacional importante e enriquecedor do fortalecimento do esporte como um todo, em suas vertentes esportivas e educacionais.

O judô tem alguns níveis de ensino-aprendizagem e não se resume apenas em seus treinamentos voltados para lutas ou até mesmo em somente treinos direcionados ao equilíbrio mental. Segundo o autor Kano (2008), o judô pode ser três níveis básicos de aprendizado, são eles:

Nível Básico- Treino de defesa e contra-ataques.

Nível Intermediário- Busca por diferentes tipos de treino e aprimoramento da mente.

Nível Superior- Fazer o melhor uso da energia física e mental aprendidos nos níveis básico e intermediário, possibilitando assim uma contribuição à sociedade.

O atual presidente da Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ) no ano de 2020, o professor Jucinei Gonçalves da Costa que possui a graduação em Educação Física e o título de Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco – RJ, além de ser faixa preta 6º Dan que no judô é graduado como *kodansha* (mestre), fez um balancete do que foi o ano de 2019. Para ele “a Federação não é só competição, mas o judô é um esporte competitivo e um dos focos principais é a realização da competição.” (FJERJ, 2019)

2.2 Judô, um Simbolismo Social

Na visão de Ruffoni (2004) o fundador do judô Jigoro Kano criou essa luta com base em estudos de diversas modalidades, além da preocupação de ter o resgate as tradições japonesas, seus objetivos e métodos práticos facilitaram o processo ensino aprendizagem, tornando assim essa luta diferente e mais atrativo do que as outras artes marciais.

Apesar de ser formado em literatura, ciência política e economia política pela Universidade Imperial de Tóquio, Jigoro Kano é considerado como “Pai dos Esportes Japoneses” devido a seus métodos de ensino elaborado com a preocupação de montar uma luta no qual pudesse ser uma prática de atividade física e não somente uma arte de combate (CBJ,2019; KANO ,2008; MORAES, D. F.; RUFFONI, R.; SOUZA, CGD, 2011).

Jigoro Kano foi o primeiro asiático a se tornar membro do Comitê Olímpico Internacional (COI) no ano de 1909, ajudando assim a difundir os esportes pelo mundo (CBJ,2019). De acordo com Kano (2008) existia uma preocupação enorme em conseguir com que o judô fosse uma atividade física e que pudesse através de seus movimentos uniformes e seus ritos, ser considerado como uma ginástica para ser aplicada em aulas de educação física em escolas ou como uma atividade física que fosse praticado desde uma criança até um idoso, atendendo a toda população.

Os autores Del Vecchio e Franchini (2006) salientam os trabalhos em conjuntos que professores utilizam como a preparação física dentro do tatame agregam aos treinos de judô, tornando um trabalho que pode gerar ganhos significativos, porém eles ressaltam a importância e o cuidado que se deve ter com os objetivos e as cargas utilizadas nos treinamentos.

Com um método de ensino norteado para o bem-estar físico, social e mental, o judô foi ganhando o mundo rapidamente. O judô passou a se tornar um estilo de luta mais eficaz dentre as artes marciais e assim surgiram vários adeptos e conseqüentemente a criação de confederações e federações por diversos países (RUFFONI, 2004)

No entanto, na concepção de Mesquita (1994), o judô perdeu um de seus princípios filosóficos “máxima eficiência com o mínimo de esforço”, pois com a busca em melhoria da performance nas competições internacionais, judocas aumentaram suas cargas de treinamentos e passaram a adotar método intenso e excessivo em sua preparação física, obtendo um maior nível de força e a utilização desse componente como sendo o principal para alcançar suas vitórias nos campeonatos.

Os técnicos acabaram ficando cegos na busca de medalhas e deixaram que seus egos como professores (sensei) afastassem os princípios do judô, que são ensinar e inspirar seus seguidores em um caminho dentro do esporte e também para a vida. Eles passaram a não medir esforços para obter os resultados positivos de seus atletas, deixando assim os laços de respeito e afeto com seus alunos, suprimindo os preceitos de um verdadeiro sensei (PARIZOTTO, 2017).

Ruffoni (2004), com base em seus estudos, fala que o judô é um esporte indicado para se trabalhar em escolas, além de ter um método de ensino homogêneo com o da educação física, o judô com suas atribuições físicas e mentais podem beneficiar seus praticantes de forma imediata e ao longo da vida, trazendo assim uma maior aceitação da população.

Com uma boa aceitação e uma disseminação pelo mundo, a CBJ no ano de 2013, divulga uma declaração da UNESCO, dizendo que o judô é o esporte mais indicado, conforme citado (CBJ, 2019):

“Todos os amantes do judô sabem que uma das maiores lições do esporte já está em seu próprio nome. O “caminho suave” transcende a prática esportiva e se torna lema de vida. E essa característica de integração física e social que fez com que o Comitê Olímpico Internacional declarasse o esporte como o mais completo porque promove valores de amizade, participação, respeito mútuo e esforço para melhorar. A UNESCO, braço das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, também destaca o judô como um esporte que possibilita o relacionamento saudável com outras pessoas, utilizando o jogo e a luta como um integrador dinâmico. Além disso, diz o estudo da UNESCO, o judô é o melhor esporte como formação inicial para as crianças e jovens de quatro a vinte e um anos já que promove uma educação física integral. O esporte permite, através do conhecimento e prática regular do mesmo, o aprimoramento de todas as possibilidades psicomotoras: localização espacial, perspectiva, ambidestria, lateralidade, jogar, puxar, empurrar, rastejar, pular, rolar, cair, coordenação conjunta e independente de ambas as mãos e pés, dentre outras”.

Com potencial de crescimento esportivo e com um método prático de ensino, o judô se mostra como um simbolismo social. Um dos esportes mais praticados do Brasil com cerca de 85.873 de atletas federados e filiados à CBJ de acordo com a plataforma ZEMPO que é “o sistema digital oficial de informação desenvolvido e reconhecido pela Confederação Brasileira de Judô. É uma ferramenta de gestão administrativa e de gestão de competições de judô nos âmbitos estadual, regional e nacional” possuindo assim cada vez mais novos adeptos (CBJ,2019; RUFFONI, 2004).

2.3 Judô como Forma de Enfretamento Social

O esporte é um excelente instrumento de integração social, que pode impactar positivamente na vida de seus praticantes, além de proporcionar a crianças, adolescentes e jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social, novas oportunidades na sociedade (CORREIA, 2008).

Nesse sentido, Abad (2003) diz que o esporte é uma grande ferramenta utilizada para atrair crianças e jovens à prática de atividades, possibilitando o controle do tempo livre, difundindo regras de convivência e ética através das atividades corporais.

O judô pode oferecer aos seus praticantes muitos elementos e diferentes direcionamentos da sua prática, um esporte que pode ser praticado com viés competitivo,

para uma melhora na qualidade de vida, integração social, além de outros elementos que de acordo com Ruffoni (2010 p.68):

“De um lado estão o tipo de esporte propriamente dito; os atletas, técnicos, professores, espectadores, alunos; as equipes de clubes, de instituições de ensino, equipes patrocinadas e agremiações particulares; a competição entre amigos ou rivais; um simples treinamento; algum campeonato local ou regional.”

Landim (2002) lembra que os projetos sociais surgem no Brasil com o objetivo de englobar as camadas mais pobres da população, que algumas vezes são considerados jovens em situação de risco social. São inúmeros projetos sociais existentes, patrocinados por instituições governamentais, instituições não governamentais (ONGS), empresas privadas ou organizações da sociedade civil (OSCIPs) em sua grande maioria as crianças e os jovens são os beneficiados. Através dos estreitamentos desses laços, estes projetos se disseminaram pelo território nacional, principalmente as ONGs que tiveram uma propagação a partir da década de 1990.

Embora os projetos esportivos estejam voltados para a área de Educação Física, cabe ressaltar que este assunto ganhou maior relevância a partir de uma pesquisa aplicada com o objetivo de investigar projetos esportivos no Rio de Janeiro realizada pela socióloga Alba Zaluar. A autora evidencia que há grandes benefícios morais oferecidos pela prática de esportes, dentre diversas questões que se destacam em sua análise, a perspectiva otimista quanto aos projetos esportivos. Atualmente muitos trabalhos agregam e modernizam as questões tratadas por Zaluar em “Cidadãos não vão ao paraíso” (ZALUAR, 1994).

Os projetos sociais têm como objetivo preencher o tempo ocioso de crianças e jovens da comunidade, possibilitando a interação com atividades esportivas, educativas e culturais, trazendo maior benefício a quem pratica e ocupando de forma útil o tempo desses jovens que vivem em vulnerabilidade social (GONÇALVES, 2003).

A rotina dos projetos sociais é repleta de barreiras que vão desde a falta de recursos financeiros e estruturais para expandir até muitas vezes a localidade de onde atuam. Quando patrocinados, comumente não excedem os marcos assistenciais bem como a realização de projetos específicos e descontínuos. Além dos obstáculos para trabalhar em redes solidárias, para agregar esforços (LAVALLE; CASTELO; BICHIR, 2006).

Gohn (2009) fala sobre a importância que tem os projetos sociais em comunidades carentes e o quanto essas iniciativas podem contribuir para o crescimento de alunos e educadores. Esses projetos oferecem acesso à arte e à cultura, possibilitando a todos envolvidos, novas vivências fora do isolamento territorial a quem estão condicionados.

No ano de 1971 nasce em Recife a Associação Nagai, uma das mais tradicionais escolas de judô do Brasil. Seu fundador sensei (professor) Tadao Nagai, montou sua academia para disseminar a prática do esporte por todo estado. A Associação Nagai é oriunda de Recife inicialmente é um projeto social que atua desde 2012 no Rio de Janeiro com a professora de judô e formada em Educação Física Silvana Nagai, filha do sensei Tadao que já formou vários atletas para seleção brasileira. No Rio de Janeiro Silvana Nagai está à frente de um projeto social que oferece aulas gratuitas de judô para crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, com o intuito de usar o esporte como ferramenta de integração social e de fomento à arte e educação.

O projeto é localizado em Inhaúma, bairro que fica dentro do Complexo do Alemão, território que segundo Maia (2017) é constituído por um conjunto de favelas que passa por diversos bairros da zona norte. O projeto atende cerca de 150 alunos, além de ofertar aulas em três turnos: diurno, vespertino e noturno.

Os projetos sociais têm grande importância no desenvolvimento humano, possibilitando acesso aos menos favorecidos da população por meio do esporte e educação. O objetivo é utilizar o esporte como instrumento educacional e de transformação social, fomentando o judô a partir da iniciação esportiva.

O projeto conta com vários exemplos dentro e fora dos tatames, um deles é o aluno da Associação Nagai Matheus Idalino que foi contemplado com uma bolsa integral em uma das escolas particulares de maior referência do país, o Colégio Elite. Hoje ele é aluno Universitário e desde do ano 2018 se tornou um professor (sensei) faixa preta da Associação Nagai.

Para Matheus Idalino (2017):

“Me sinto desafiando a lei da gravidade, pois estou crescendo como pessoa, enquanto o natural nas comunidades é seguirmos decaindo. Através do projeto, recebi uma bolsa no Colégio Elite, foi muito difícil, pois sempre estudei em escolas municipais, mas consegui concluir o ensino médio e vivi intensamente os melhores anos da minha vida.

Muitas vezes ouvi de familiares a pergunta: judô para quê? Isso não vai lhe levar a nada!

Hoje, além de ser o primeiro da minha família a ingressar em uma faculdade, sou um dos primeiros entre os meus amigos a trabalhar com carteira assinada e o melhor, com o que mais amo fazer, dar aula. E eu, que até ontem só corria para pegar um ônibus, me vi correndo para não perder o avião.”

Para o aluno de um projeto social pode te dado a oportunidade de sonhar, mas um projeto social pode ser algo maior na vida de seus alunos e familiares ou pessoas quem o cercam. De acordo com o poeta Fernando Pessoa (2006) em uma das suas mais famosas

frases “O homem é do tamanho do seu sonho” podemos acreditar na importância de projetos e o quanto ele junto ao judô pode ser relevante na análise das representações sociais.

No entanto Moraes; Ruffoni e Souza (2011) destacam os ideais do criador do judô Jigoro Kano e seus objetivos de propagação do esporte pelo mundo, onde não quebre o seu desenvolvimento e sua constante evolução. O judô pode ser difundido em academia, clubes, projetos sociais entre outros lugares, o importante é que seus princípios não sejam mudados.

2.4 A Luta do Judô Feminino

De acordo com a autora Da Silva (1994) a luta do judô feminino vem desde da Grécia Antiga onde mulheres sofriam com preconceitos, discriminação e estereótipos, fazendo com que fossem excluídas da prática de esportes, principalmente os de combate. No começo do século XX as lutas eram atividades voltadas exclusivamente para o público masculino, assim como o halterofilismo. Às mulheres eram indicadas as atividades rítmicas que eram mais suaves e propícias para elas.

A chegada do judô no Brasil ocorreu entre as décadas de 1920 a 1930 através de imigrantes japoneses que desembarcaram principalmente em São Paulo trazendo suas culturas e diversos lutadores que ajudaram a disseminar o judô e outras lutas pelo país. No Rio de Janeiro o judô chegou por volta de 1950 com os professores Massami Ogino, Takeo Yano e Yoshimasa Nagashima (CBJ, 2020).

Segundo De Souza (2006) após a criação do judô em 1882, o primeiro contato feminino que o judô teve, foi através da irmã do Jigoro Kano criador da modalidade que percebeu um interesse e decidiu ensiná-la de forma superficial. Somente no ano de 1923 o judô feminino se tornou oficial no Japão. A primeira aluna registrada foi Keiko Fukuda neta de Hachinosuke Fukuda que foi o primeiro professor de Jigoro Kano, Keiko é considerada a pioneira do judô feminino no mundo, ela foi a única mulher a conquistar o 10º dan que é o grau mais alto do judô.

Segundo estudos das autoras De Souza e Mourão (2012) o processo de inclusão do judô feminino em campeonatos internacionais teve início em 1979 no Uruguai onde ocorreu o campeonato sul-americano, no entanto elas destacam que somente em 1980 após a revogação da Lei 3199 de 1941 que restringia as mulheres a diversas práticas físicas. No ano 1988 nos Jogos Olímpicos de Seul teve a primeira inserção do judô feminino, porém, nesse

Jogos, o judô foi em formato de uma apresentação e somente nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1922 o judô feminino pode participar oficialmente.

De Souza (2006 p.4) destaca:

“Não existe uma história oficial que relate com precisão como o judô chegou ao Brasil. Sabe-se apenas que imigrantes japoneses recém chegados em Porto Alegre, na primeira década do século XX, já inauguravam suas academias de judô, que, rapidamente, disseminou-se pelo país. Acredita-se que as esposas e filhas destes descendentes também praticavam o judô. Porém, como não havia respaldo legal, somente em 1980 as mulheres judocas deram início aos torneios nacionais e internacionais.”

O judô feminino brasileiro surgiu em torneios após a participação de quatro atletas em um Campeonato Sul-Americano que ocorreu em 1979, fazendo com que o Decreto-Lei fosse revogado permitindo que elas entregassem a seleção brasileira e participassem de outros eventos internacionais, assim como treinamento e intercâmbios. O primeiro campeonato oficial no Brasil organizado pela CBJ foi um Campeonato Brasileiro realizado em 1980 no Rio de Janeiro (DE SOUZA, 2006).

Em Jogos Olímpicos o judô feminino só conseguiu sua primeira medalha em 2008 nas Olimpíadas de Pequim com a atleta Ketleyn Quadros que conquistou a medalha de bronze. Para De Souza e Mourão (2011) o crescimento das mulheres no tatame também se deu por conta de mulheres fora dele, como a técnica Rosicleia Campos que participou das Olimpíadas de Barcelona 1992 e Atlanta 1996 como atleta, mas foi como técnica e líder do judô feminino que Rosicleia Campos ajudou no crescimento dessa classe.

Na concepção de Ferreira et al (2017) as treinadoras brasileiras sofrem bastante com o majoritismo masculino, preconceito, remuneração baixa, e suas barreiras são imensuráveis ao longo de sua trajetória, por conta desse e de outros fatores.

Contrapondo De Souza e Mourão (2012 p. 10) destaca:

“A Rosicleia Campos pode ser considerada um exemplo de perfil profissional de sucesso que conquistou seu espaço em detrimento de muitas abdições, principalmente pessoais. Sua competência enquanto técnica somado a sua experiência como atleta permitiram que pudesse exercer o cargo sem atribuições apenas políticas, mas também propondo ações efetivas e atuantes para o desenvolvimento do judô feminino nacional, levando esta equipe a conquistas inéditas.”

O judô feminino apesar do seu enorme atraso vem crescendo muito nos últimos anos e nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 tivemos excelentes resultados com o ouro de Sarah Menezes e o bronze de Mayra Aguiar, o investimento cresceu e o resultados foram crescendo, no último Jogos Olímpicos que foi realizado em 2016 no Rio de Janeiro o Brasil somou apenas

três medalhas sendo duas delas de mulheres com o ouro de Rafaela Silva e o bronze de Mayra Aguiar (CBJ, 2019).

O judô feminino vem crescendo e ele não se dá somente em resultados de campeonatos. Na visão de Ruffoni (2004) é notório o crescimento de praticantes de judô mulheres fazendo o processo de faixa preta na FJERJ, tornando cada vez maior as possibilidades de novas técnicas, gestoras, professoras entre outras no cenário mundial.

3. CAPÍTULO II - TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo o objetivo foi apresentar a Teoria das Representações Sociais, seus fundamentos históricos e seu conceito, exibindo suas estruturas e contextualizando sobre a Teoria do Núcleo Central.

3.1 Fundamentos históricos da teoria das representações Sociais

Antes do surgimento da teoria das representações sociais (TRS) por Moscovici, já existiam estudiosos que buscavam por diversos caminhos o entendimento do fenômeno representativo e da construção do pensamento. O tema foi fonte de curiosidade de estudiosos sociais que se debruçaram sobre o fenômeno no desenvolvimento de pesquisas, buscando entender seus processos e consequências, além de sua propagação e reconstrução no decorrer das interações sociais (SÁ, 2002).

O termo “representação” pode não ser um monopólio de Serge Moscovici que é criador do estudo sobre representações sociais, mas para Vala (2004) a representação social tem uma funcionalidade prática para os sujeitos e grupos de pertença, sua representatividade faz parte do conteúdo teórico da Psicologia Social. Contudo Minayo (1995) aponta que Serge Moscovici foi na contramão da Psicologia Social produzida em seu tempo, moldando caminhos alternativos e expandindo a visão que se tinha da mesma, limitada até então, pelos processos de experimentação, micro teorização, individualização, cognitivismo e a-historicismo (SÁ, 2002).

Moscovici se inspira no desenvolvimento do conceito de representações coletivas (RC) desenvolvido pelo sociólogo Durkheim. Na concepção De Oliveira (2012) as RC de Durkheim estão ligadas ao que é tradicional, permanente e homogêneo, às lendas e mitos, ao que a sociedade partilha de geração em geração e que é necessário para manter o vínculo entre elas, o que se perduram ao longo do tempo. Para a autora supracitada são conceitos permanentes que necessitam de algo muito importante para desorganizá-los, além de ser apontado por Durkheim como criações de uma inteligência única, oriunda da sociedade que a compartilha.

Denise Jodelet admite a influência de Durkheim na teoria de Moscovici, contudo demarca que o psicólogo social se diferencia do sociólogo ao ampliar sua visão a respeito das representações quando engloba em sua análise a intensidade e fluidez das trocas comunicacionais, desenvolvimento da ciência, pluralidade e mobilidades sociais

(JODELET, 2001). Esclarece Moscovici (1978), que a criação da TRS buscou modernizar o entendimento do fenômeno representativo, fazendo uso de diversos autores na construção e desenvolvimento deste estudo, destacando-se dentre estes Durkheim.

Discorrem os autores Osti, Silveira e Brenelli (2013), os quais se utilizam de conceitos de Piaget como a assimilação e acomodação. Moscovici buscou ampliar seu entendimento sobre a construção do processo de representação, analisando a forma como o sujeito se apropria de um novo objeto e como ele consegue se adaptar a ele. De acordo com Moscovici (2001) os pensamentos de Freud foram primordiais na construção da teoria, ele considerou os processos de mudanças de pensamentos das pessoas e sua produção de saberes de forma inconsciente e também como esses meios podem interferir na mudança do pensar de cada pessoa.

A criação da TRS foi inovadora para a psicologia social, ao buscar em seu conceito simplificar a complexidade da ciência, ela integrou outras ciências como a sociologia, antropologia e história. No entanto Jesuíno (1993) ressalta a expressão “psicologia social europeia” que buscou trazer identidade aos psicólogos europeus.

De acordo com Sá (2002, p.14) a psicologia social “produzida no resto do mundo, inclusive na Europa, fez pouco mais, durante quase todo tempo, do que replicar as descobertas americanas ou aplicar os instrumentais teóricos e metodológicos aí consagrados a variações de uma mesma problemática”. A psicologia social americana ganha força com estudos científicos que têm o foco em pesquisas experimentais com métodos objetivos de comprovações.

No entanto, o método behaviorista, que defendia as análises através de experimentos laboratoriais e observação do comportamento do sujeito, acreditando que desse modo pudesse ter um diagnóstico completo, foi se desconstruindo a partir da Revolução Cognitiva. Na busca por investigar o indivíduo como um todo, ela foi dando lugar a pensamentos que buscavam analisar os indivíduos de forma integral, seus pensamentos, memórias e percepções não havendo assim uma distinção entre universo interno e externo (NEUFELD; BRUST E STEIN, 2011).

Essa revolução teve início com as relevantes publicações dos autores Bruner, Goodnow e Austin (1956) que buscavam elaborar um conceito de psicologia cognitiva socialmente desenvolvida. De acordo com estudos de Sá (2002) a TRS volta a ganhar força na década de 1980 com a queda do modelo behaviorista tornando a psicologia social mais adaptada às dinâmicas do pensamento social, permitindo o surgimento de novos estudos e de novas abordagens. O autor corrobora dizendo: “embora uma tendência nesse sentido seja

detectada também entre psicólogos sociais americanos, é na Europa que ela tem sido mais abertamente encorajada” (SÁ, 2002 p.18).

Porém é necessária uma definição para que a teoria seja propagada em diversas ciências e em várias aplicações, por isso a autora Jodelet (2011 p.26) define que:

“As representações devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação- a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir.”

No entanto, Sá (2002) destaca a resistência de Moscovici em construir um conceito fechado em torno da TRS. Para ele definir objetivamente e de forma precoce essa teoria, poderia reduzir o potencial plural. De fato, a teoria demorou para ter impacto na sociedade, somente 20 anos depois de seu surgimento ela alcançou repercussão no campo científico. Moscovici acreditava que a sociedade naquele momento não estava atenta e preparada para um olhar mais social, porém seus principais colaboradores Denise Jodelet, Claude Flament e Jean Claude Abric continuaram estudos impulsionando esta teoria até seu ressurgimento na década de 1980 (ARRUDA, 2002).

As representações sociais foram ganhando força e estudos complementares cada vez mais contundentes a sua teoria, tornando, segundo os autores Tajfel, Fraser e Jaspars (1984) a “psicologia social mais social”. De acordo com Sá (2002) esse entusiasmo fez com que a TRS chegasse ao Brasil por volta da década de 1980 por meio da obra “A Representação Social da Psicanálise” tradução do original (La Psychanalyse: Son image et son public) se tornando um fenômeno de estudo e sendo uma das principais fontes de conhecimento da Psicologia Social.

3.2 Conceituando as Representações Sociais

A TRS surgiu com o objetivo de entender o pensamento e os comportamentos sociais e discutir como são as relações de crenças, conhecimentos de grupos e identificar se suas ações se tornam um consenso dentro do seu habitat social. Para Moscovici (2012) as Representações Sociais (RS) estão presentes em nossas vidas a todo instante, rodeiam um universo cheio de comunicações e ações em que as nossas condutas são expostas a todo instante.

Para Jodelet (1986) as RS são manifestadas através dos conhecimentos sociais das pessoas, esses conhecimentos estão inseridos no seu cotidiano e são manifestadas como práticas comuns na comunidade em que fazem parte. As pessoas têm seus princípios e valores que são construídos através de suas vivências e que são transformadas a cada segundo, gerando opiniões, pensamentos e certezas consolidadas, mas que, em contrapartida, também podem ser mutáveis, desconstruídas em pouco tempo dependendo dos conceitos individuais e do trajeto em que vão percorrendo ao longo dos fatos ocorridos (ABRIC, 1994).

De acordo com Moscovici (1976) as RS são um sistema de comunicação que passa de geração em geração, estruturadas em uma memória social, e que são consolidadas com o decorrer dos anos, até se tornarem pensamentos sólidos.

Na concepção de Rateau et al (2012) é importante ficar atento e saber buscar notícias sobre o mundo e tudo que está se passando ao seu redor, pois através dos conhecimentos adquiridos e das informações obtidas, os sujeitos se tornam mais preparados para situações inesperadas e que podem acarretar em situações desconfortáveis além de sair do seu ambiente familiar.

Vala (1993) reforça esta posição apontando que existem diversos assuntos para serem investigados e apresenta uma incompleta lista de assuntos e objetos que para ele só consolida a importância dos estudos sobre o conceito de representações sociais, deixando assim esse estudo com uma fonte inesgotável de possibilidades. As RS são complexas e possuem um grupo que é formado de maneira hierárquica através de opiniões e simbologias, entre outras, que formam um núcleo central em que as principais informações consensuais são inseridas e as demais estão organizadas ao redor de um sistema periférico (ABRIC, 2000).

Quando passamos a partilhar as representações que temos de determinados objetos é o momento que começamos a gerar nossas afinidades. No entanto, existem três segmentos diferentes: opiniões, conhecimentos e crenças. O ambiente social acaba por muitas vezes confundindo os conceitos e associando ele a uma única representação, já que ocasionalmente não se tem tempo para diferenciá-las com cautela e acabam sendo respondidas de maneira inconsequente em uma sociedade que se exige cada vez mais velocidade em suas respostas (RATEAU et al., 2012; SIBILA, 2012).

Esclarece Moscovici (2012, p.54), a função sistematizada das representações sociais é “tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar”. Para

compreender melhor o comportamento das pessoas e sabermos por que elas têm determinadas ações em determinados momentos é necessário analisar o seu cotidiano para entender onde estão inseridas suas representações sociais (NAIFF & NAIFF, 2008; VALA & CASTRO, 2013).

No entanto Abric (1994) ressalta que nem todo objeto tem uma representação, eles podem ser algo ilógico de suas imagens ou opiniões, para que esse objeto esteja no mesmo sentido da representação é necessário organizar os elementos ou verificar se eles estão agregados ao objeto.

Como destaca Rateau et al (2012) é imprescindível quando nos deparamos com alguma novidade, e sentimos rapidamente a necessidade da construção do conhecimento para que aquela novidade faça parte de um objetivo traçado, consolidando-o e com isso fazer com que esse evento se torne cada vez mais familiar.

A sociedade vive em torno de uma comunicação cada dia mais avançada e tecnológica, em que as pessoas são cada vez mais bombardeadas com diversas notícias instantâneas e extensas fazendo com que o indivíduo esteja cada vez mais expostos a respostas imediatas, a ter que ser antenado com o mundo, tomar decisões rápidas, ter opiniões dos mais diversos assuntos entre outros (RATEAU, MOLINER, GUIMELLI & ABRIC, 2011).

3.3 A Teoria do Núcleo Central

Segundo Abric (2000) as RS são complexas e possuem um grupo de elementos que é organizado de maneira hierárquica através de opiniões e simbologias, entre outras coisas que formam um núcleo onde as principais informações consensuais são inseridas no centro e as demais são organizadas em torno desse núcleo, formando um sistema periférico.

Foi em sua tese de doutorado que Jean Claude Abric propôs, no ano de 1976, a Teoria do Núcleo Central, que organiza a RS em um sistema estrutural. Para Sá (1996) o estudo sobre o núcleo central é um complemento a teoria maior das RS, agregando e não substituindo ou sobrepondo os estudos de Moscovici.

Para Mazzotti (2002) após a TRS de Serge Moscovici em 1961, surgiram novos estudos e novas abordagens complementares, das quais o autor destaca a abordagem de Jean Claude Abric, Flament, Guimelli, Moliner e tantos outros que juntos alcançaram tamanha importância no estudo desta teoria a ponto de serem reconhecidos enquanto “Grupo do Midi”, por estarem vinculados à universidades existentes no sul da França, região do Midi.

Sá (2002) destaca a importância do grupo do Midi e evidencia a 2ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais realizada no Rio de Janeiro no ano de 1994. Para o autor, a pesquisa brasileira fomentou os estudos sobre a temática, tornando-os ainda mais numerosos e de qualidade, principalmente nas áreas da saúde e educação. Esses estudos se complementam e ajudam no entendimento e compreensão do sujeito na realidade e no grupo na qual pertence, possibilitando a identificação de suas características e comportamentos, assim como a de seu grupo de pertença.

O núcleo central é composto por elementos que desempenham três funções (Sá, 2002, p.70):

- Geradora: é ele quem determina o significado do objeto, dando-lhe sentido em sua essência;
- Organizadora: organiza os demais elementos da representação e sua importância;
- Função estabilizadora: é o elemento mais estável da representação mantendo o equilíbrio do objeto.

Esses componentes se relacionam e se cruzam na formação e reparação das representações para torná-la sólida e imutável. Sá (1996) fala que o núcleo central tem uma função segura e resistente à mudança, sendo que uma mudança do núcleo central constitui o surgimento de uma nova representação social.

A Teoria do Núcleo Central (TNC) tem dois sistemas, um já descrito acima, que é o núcleo central, e outro revestindo o núcleo com uma função de canalizar as representações, sendo flexível e passível de mudanças, nomeado como sistema periférico. Para Jodelet (2001) o sistema periférico age como uma proteção ao núcleo central, atribuindo relativa versatilidade a RS e garantindo a estabilidade de seu núcleo.

Segundo Jodelet (2001, p.178):

“Na realidade, a periferia da representação serve de pára-choque entre uma realidade que a questiona e um núcleo central que não deve mudar facilmente. Os desacordos da realidade são absorvidos pelos esquemas periféricos que, assim, asseguram a estabilidade (reativa) da representação.”

O papel do sistema periférico é indispensável, agindo como “escudo” ao núcleo central e negociando com a realidade possíveis adaptações. De acordo com Abric (2000, p. 32) o sistema periférico tem três funções:

- Função concretizadora: o sistema periférico intermedia a ligação do núcleo central com a realidade concreta na qual a representação é constituída e atuante;

- Função reguladora: desempenha papel fundamental na dinâmica da representação. Novas informações, mudanças de contexto e experiências individuais relevantes podem compor a representação de forma periférica;
- Função defensora: o sistema periférico flutua em torno do núcleo central protegendo-o das instabilidades do ambiente real. Alterações na realidade que poderiam comprometer o núcleo central da representação normalmente são contidas por adaptações no sistema periférico.
-

A tabela abaixo mostra as propriedades dos dois sistemas, em que Abric (2000, p. 34) conseguiu organizar através do seu principal conceito:

Tabela 3- Síntese das características do Núcleo Central e do Sistema Periférico das RS

Núcleo Central	Sistema periférico
Valor coletivo, ligado a memória e a história do grupo	Valor individual, permite a integração de vivências individuais
Homogeniza a representação	Heterogeniza a representação tolerando as diferenças
Estável e coerente	Flexível e adaptável
Resistente as mudanças de contexto	Vulnerável as mudanças de contexto de forma imediata
Gera o significado da representação	Permite a atualização da representação em interação com a realidade
Determina sua organização e hierarquização	Permite a diferença de conteúdo
Estabiliza a representação e seus elementos periféricos	Zela pela preservação do núcleo central

Fonte: (ABRIC, 2000, p. 34)

Na concepção de Mazzotti (2002) existe uma dificuldade na análise das RS e nos estudos da TNC. Em sua visão, as representações sociais apontadas por Abric tem um olhar mais cognitivo do sujeito, porém a sua operação é designada pela sua condição social. Em contrapartida, Sá (2002) salienta a importância da criação dessa teoria que visa facilitar através de seus métodos os estudos das representações sociais, mas complementa dizendo que essa abordagem não pode substituir a teoria original.

4. OBJETIVO GERAL

Investigar o pensamento social do judô em praticantes da modalidade, com especial ênfase às suas representações.

Objetivos específicos

- Identificar a provável estrutura das representações sociais do judô;
- Comparar possíveis diferenças entre os sexos nas representações sociais do judô.

5. MÉTODO

5.1 Amostra

Devido à pandemia mundial que atingiu o mundo e o Brasil desde 2019 a pesquisa foi realizada de forma on-line pela plataforma *Google Forms*.

A amostra foi coletada com 170 sujeitos de ambos os sexos, praticantes de judô no Estado do Rio de Janeiro-RJ. Do total da amostra, 15 sujeitos menores de 18 anos, foram excluídos, finalizando o estudo com uma amostra de 155 participantes, sendo 93 sujeitos do sexo masculino e 63 sujeitos do sexo feminino. A pesquisa foi realizada no período de 20/07/2020 até 22/08/2020. O estudo foi delimitado a praticantes de judô que tivessem uma vivência mínima de 6 meses no esporte, caracterizando desta forma uma inserção maior na prática da modalidade.

5.2 Instrumentos e Tratamentos de Dados

Trata-se de uma pesquisa de aspecto quali-quantitativo, no qual os dados foram tabulados, e apresentados em valores percentuais, seguidos de uma leitura descritiva dos mesmos (THOMAS E NELSON, 2002).

O instrumento utilizado no estudo foi um questionário formado por questões abertas e fechadas, que devido à Pandemia do Corona Virus Disease (COVID-19) no mundo, foi

aplicado de forma on-line pelo *Google Forms* (disponível em: <https://forms.gle/TSi23yCw3uiwCPkL8>).

O questionário foi dividido em duas partes, sendo a primeira relacionado ao estudo sociodemográfico, que gera estatística descritiva da amostragem, levantando dados como, país que mora, local onde reside, bairro onde treina, sexo, faixa etária, percepção de classe social onde treina, renda familiar, agremiação, tempo de prática do judô. A segunda parte se concentra em perguntas abertas com saber qual foi o momento positivo e momento negativo que o praticante viveu no judô, quem foi o maior adversário, quem o praticante considera o seu maior incentivador na prática da modalidade, e por fim, foi perguntado se o praticante pudesse resumir o judô em uma palavra, qual seria ela, além da tarefa da evocação e classificação das palavras e expressões surgidas a partir do termo indutor.

A Evocação consiste em solicitar aos participantes que escrevam cinco palavras ou expressões que surjam imediatamente em seu pensamento a partir do termo indutor “judô”, em seguida, as palavras são classificadas em ordem de importância. Serão solicitadas cinco palavras por acreditarmos que uma quantidade que exceda a esse limite pode, segundo Sá (2002) e Oliveira et al (2003) gerar um declínio na rapidez das respostas, evidenciando um trabalho mental lógico para as produções subsequentes, descaracterizando o caráter natural e espontâneo das evocações livres. Assim menos do que cinco pode gerar uma “quantidade de dados insuficiente, que poderá imprimir um viés ao estudo, interferindo no resultado final” (OLIVEIRA ET AL., 2003, p.57).

A seguir iremos apresentar dois gráficos que foram desenvolvidos a partir do software IRAMUTEQ que nos permitiram as análises prototípica e de similitude, a primeira analisou a estrutura representacional partindo de um gatilho para evocação que foi a palavra “judô” como estímulo indutor. De acordo com Nóbrega e Coutinho (2003) foi utilizado a Técnica de Evocação Livre de Palavras em que cada participante evocou as cinco primeiras palavras que vieram em sua mente.

Segundo De Oliveira Santos et al (2019, p.6) a técnica de evocações livres permite uma clareza nas respostas fazendo com que se justifique as representações encontradas na evocação, cujo são divididas em quatro zonas “a primeira referente ao núcleo central, a segunda com o sistema periférico, a terceira com elementos periféricos contrastantes e a última também com dados periféricos”.

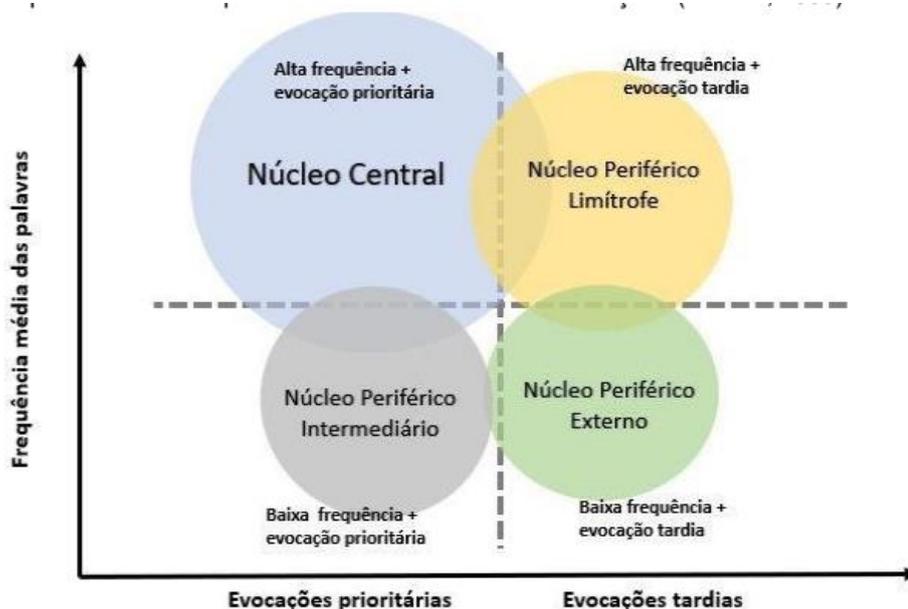
A figura 1 ilustra o esquema de distribuição dos quatro quadrantes de acordo com os resultados gerados pelo software IRAMUTEQ. O primeiro quadrante (superior esquerdo) é onde estão as palavras e expressões (cognemas) prontamente evocadas e com alta frequência,

representando os elementos mais importantes, formando o núcleo central das RS. Na visão de Abric (2000) os estudos sobre a TNC vieram para simplificar as TRS, nota-se que o núcleo central se concentra as representações mais estáveis e onde apareceu na ilustração o maior número de evocações.

No segundo quadrante (superior direito) fica localizada a primeira camada periférica que segundo Flament (2001) reveste o Núcleo Central com representações mais flexíveis e passíveis a mudanças. Seguindo o terceiro quadrante (inferior esquerdo) apresenta elementos com baixa frequência e o quarto quadrante (inferior direito) já apresenta elementos tardiamente evocados e baixa frequência, claramente periféricos e que servem de negociação com a realidade.

Para Jodelet (2001) o sistema periférico é indispensável e funciona como uma camada de proteção ao núcleo central tornando-os forte e permanente, as funções concretizadora, reguladora e defensora permitem que o sistema periférico flutue em torno do núcleo central tornando-o protegido a instabilidades. Sá (2002) destaca a importância da TNC no estudo das RS e salienta a relevância do sistema periférico na organização das representações e permitindo a formação do núcleo central sólido.

Figura 1- Esquema Ilustrativo dos quatro quadrantes da análise prototípica das representações sociais



Fonte: Ilustrativa IRAMUTEQ 0.7 alpha

A segunda figura irá ilustrar a análise de similitude que auxilia na busca de encontrar a estrutura de uma representação social, mostrando a intensidades com que as palavras

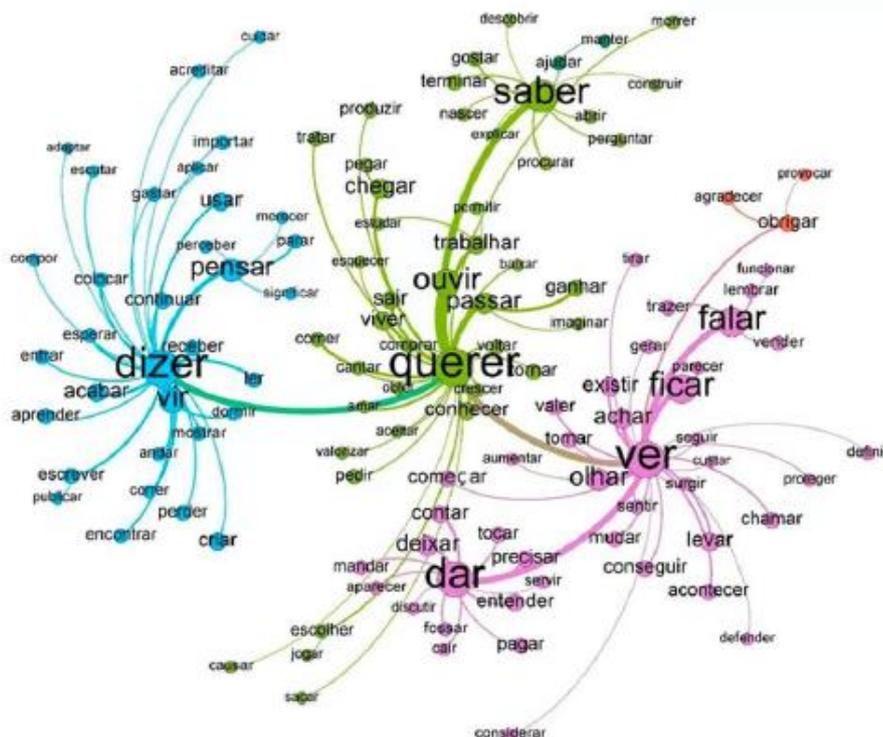
aparecem com mais frequência, assim como as palavras que aparecem próximo e as que surgem em oposição.

Discorre Sá (2002, p. 126):

“A análise de similitude foi introduzida no campo das representações sociais por Claude Flament – com a participação também de outros autores, como Vergés e Degenne – já nos anos setenta, ou seja, à ocasião mesma do advento da teoria do núcleo central, tornando-se então a principal técnica de detecção do grau de conexão dos diversos elementos de uma representação.”

Para Vergés (2001) o autor Flament buscou através de cálculos baseado na teoria dos gráficos avaliar a intensidade que surgem juntos os cognemas de uma representação e como é formado a estrutura através de suas conexões, mostrando os elementos mais fortes que surgem através da rede de conexões.

Figura 2- Esquema Ilustrativo (exemplo) da análise de similitude



Fonte: Ilustrativa IRAMUTEQ 0.7 alpha

5.3 Análise dos dados

Todos os dados coletados foram analisados com auxílio do software IRAMUTEQ 0.7 alpha 2014® (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) que combina a frequência da evocação de cada palavra com sua ordem de

evocação, estabelecendo o grau de proeminência dos elementos da representação em cada grupo (Oliveira et al., 2003). A análise prototípica, na qual são formados quatro quadrantes que vão indicar o provável grau de centralidade dos cognemas e a estrutura da representação social.

O projeto foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, obedecendo a Resolução legitimada pela Portaria nº 1.211/GR (de 25/10/2011), que prevê normas para pesquisas com seres humanos.

5.4 Ética em pesquisa

Conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde o projeto de pesquisa do presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética da UFRRJ, estando sua incursão a campo sujeita à aprovação do referido conselho.

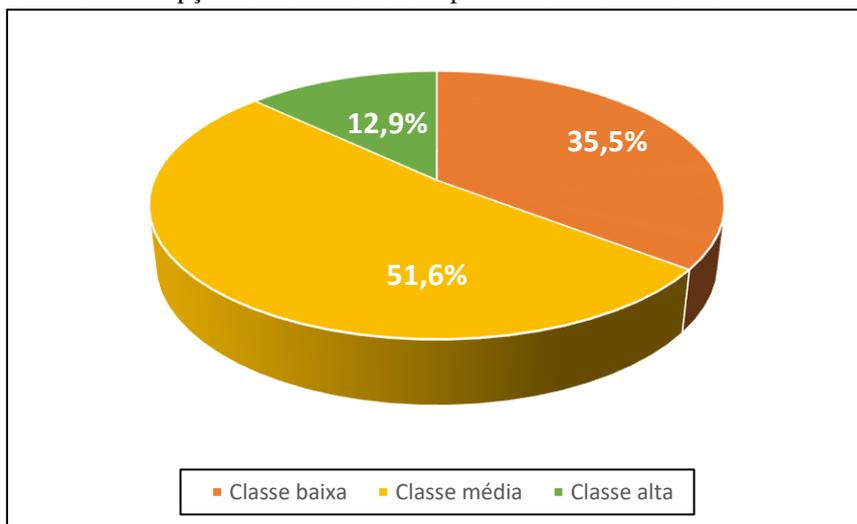
A pesquisa foi realizada com maiores de idade a partir de 18 anos, sendo esclarecidos o objetivo do estudo, os procedimentos de avaliação e o caráter de voluntariedade à participação. Diante do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) preenchido pelo participante maior de idade (Anexo II). Os sujeitos menores de idade não deram sequência na pesquisa e foram excluídos da coleta de dados.

6. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa foi direcionada para praticantes de judô do Estado do Rio de Janeiro, onde foram coletadas amostras em 9 municípios, predominando a coleta feita na cidade Rio de Janeiro conforme os dados a seguir: Rio de Janeiro (140 praticantes), Nilópolis (3 praticantes), Nova Iguaçu (3 praticantes), Duque de Caxias (2 praticantes), Seropédica (3 praticantes), São João de Meriti (2 praticantes), Belford Roxo (1 praticantes) e São Pedro da Aldeia (1 praticantes).

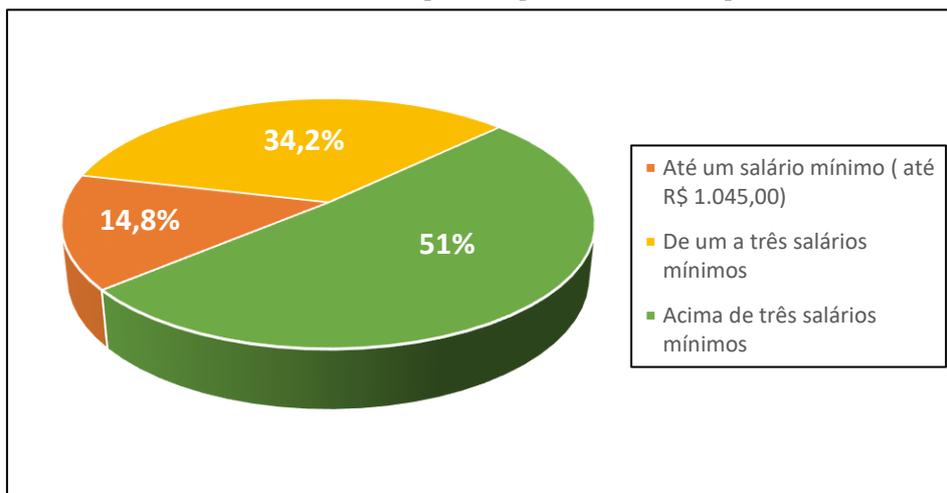
No primeiro gráfico foi analisado a percepção de classe social do local de treino, pelo olhar do praticante, em que predominou a percepção de classe média apontada por 51,6 % (80 participantes), seguida por classe baixa com 35,5% (55 participantes) e classe alta com 12,9% (20 participantes) do total dos indivíduos entrevistados.

Gráfico1- Percepção de classe social dos praticantes sobre local de treino



Em seguida, no gráfico 2, observamos os resultados da coleta referente à renda familiar dos entrevistados.

Gráfico 2- Soma da renda familiar das pessoas que moram com os praticantes



Podemos observar que a maioria dos praticantes analisados teve renda acima de três salários mínimos, totalizando um percentual de 51%, (79 participantes), seguido por 34,2% (53 participantes) com um a três salários mínimos e 14,8% (23 participantes) somando renda inferior a um salário mínimo.

De acordo com estudo dos autores Martinez, Martinez e Lanza (2011) a prática de atividade física é recomendada e promove a qualidade de vida das pessoas. Nesse mesmo estudo, com objetivo de investigar a relação entre classe social e a prática de atividade física, os autores concluíram que os níveis econômicos e educacionais não influenciam na rotina, tipo e condições da prática de exercícios.

Analisaremos a seguir os bairros de residência dos entrevistados. Foram declaradas pelos participantes residência em 41 bairros diferentes, distribuindo-se de forma variada pelas zonas norte, sul, oeste e central do município, passando por zonas rurais e do interior do estado do Rio de Janeiro.

Tabela 4- Bairros que os praticantes de judô residem

1	25 de agosto	22	Gávea
2	Acari, Oswaldo Cruz	23	Grajau
3	Bangu	24	Ilha do Governador
4	Barra da Tijuca	25	Inhaúma
5	Benéfica	26	Ipanema
6	Boa Esperança	27	Jacarepaguá
7	Botafogo	28	Laranjeiras
8	Cachambi	29	Leblon
9	Campo Grande	30	Maré
10	Cascadura	31	Marechal Hermes
11	Catete	32	Méier
12	Centro	33	Parque São José
13	Cidade Nova	34	Pilares

14	Copacabana	35	Santa Cruz
15	Cosmo	36	Santo Cristo
16	Del Castilho	37	Taquara
17	Deodoro	38	Tijuca
18	Engenho Novo	39	Vila Isabel
19	Estácio	40	Vila Nova
20	Fazenda Caxias	41	Zumbi
21	Fluminense		

A tabela a seguir mostra as agremiações filiadas à Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ) que participaram da amostra, são 29 agremiações que possuem registro na FJERJ (2020):

“A FJERJ foi constituída em meados de 1962, inicialmente fundada como Federação Guanabarina de Judô, e tem motivos de sobra para comemorar, já que estamos vivendo um ótimo momento de nova gestão.

Para os filiados, o judô do Rio está em crescimento, com a nova diretoria se destacando pelo trabalho que vem sendo feito, dando oportunidade para agremiações que estavam afastadas, e também novas agremiações surgirem, conseqüentemente, novos talentos. As agremiações têm participação crescente nos eventos da Federação, assegurando aos atletas e seus familiares a confiança depositada em uma nova fase. Com 3.000 filiados ativos e mais de 22.000 cadastrados, a FJERJ está presente em mais de 7 regiões do Rio de Janeiro e possui times altamente capacitados representando o RJ nas competições regionais, brasileiras e internacionais.”

Atualmente a FJERJ conta com 199 agremiações filiadas, tivemos a participação de 30 agremiações diferentes, das quais vale destacar algumas que são referência na modalidade em âmbitos nacional e internacional, como o Clube de Regatas do Flamengo, Equipe Ruffon, que é referência do judô carioca há mais de 30 anos, e o Instituto Reação, que foi eleito no ano de 2019 como o melhor Clube do Brasil no *ranking* nacional da Confederação Brasileira de Judô (CBJ, 2020).

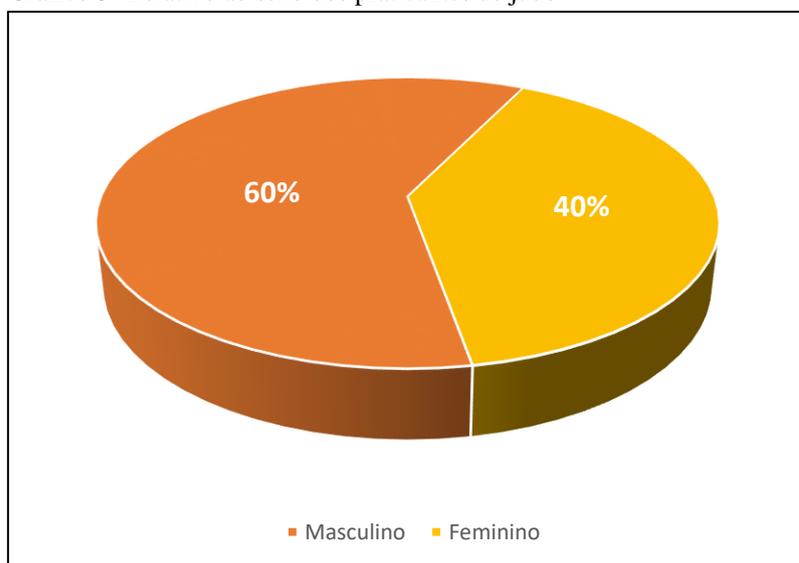
Uma possibilidade que os alunos de instituições filiadas à FJERJ têm é que seus alunos façam o processo de exame para faixa preta, processo pelo qual só é possível e validado pela FJERJ. Além disso ainda existem outros benefícios que estão atrelados com os campeonatos oficiais que é o caminho para se chegar aos Jogos Olímpicos, no qual é considerado o maior evento esportivo do planeta por reunir diversos atletas e várias modalidades. Ser registrado e competir por gerar de forma direta ou indireta bolsas de estudos de até 100% em escolas e universidades, os eventos estudantis têm nível alto e muitos atletas que se tornaram atletas olímpicos competiram no seu início de carreira campeonatos estudantis.

Tabela 5- Agremiações filiadas a FJERJ

1	Academia Projeção	16	GFTEAM Judô
2	André Padrenosso Judô Clube	17	IJJ-Instituto Jinkings Judô
3	Associação de pais e atletas	18	INSTITUTO CONQUISTAR
4	Associação Nagai	19	Instituto Conquistar
5	Associação Nilopolitana de judô	20	Instituto Reação
6	AZHO- Assoc. Zoshikan – Hélio de Oliveira	21	Instituto Santa Cruz de Esporte
7	Clube Regatas do Flamengo	22	JCMA - Judô Clube Marco Alberto
8	Colégio Sion	23	Jequia Iate Clube
9	CTDEO- Centro Treinamento de Deodoro	24	Judô Clube Oswaldo Simões
10	EJKF-Escola de Judô Keiko Fukuda	25	Luta pela paz
11	Equipe de Judô Pinheiro	26	Marina Barra Clube
12	Equipe Judô Fragoso	27	Ryote - Hebraica Rio
13	Equipe Judô Juliano Leon	28	UMBVAS - UMBRA - Clube De Regatas Vasco Da Gama
14	Equipe Ruffoni	29	VITEAM - JUDÔ V.I. TEAM PERFORMANCE
15	Fluminense FOOTBALL CLUB	30	

No próximo gráfico iremos apresentar a diferença percentual relativa ao sexo dos participantes, onde tivemos 60% (93 praticantes) do sexo masculino e 40% (62 praticantes) do sexo feminino. Notamos uma representatividade expressiva no número de entrevistados do sexo feminino, considerando que como em diversas lutas a predominância masculina é sempre esperada.

Gráfico 3- Relativo ao sexo dos praticantes de judô



O judô vem crescendo muito no cenário esportivo brasileiro e nos últimos anos ele se tornou o esporte individual que gerou mais medalhas olímpicas para o Brasil. Foram 22 no total, sendo 4 de ouros, 3 de pratas e 15 de bronzes. Essa trajetória teve início em 1972

com Chiaki Ishii, um japonês naturalizado brasileiro lutou na categoria do meio pesado e conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique (CBJ, 2020).

O judô feminino do Brasil vem crescendo em competições e se mostrando uma potência mundial, trazendo notoriedade para as suas praticantes. Segundo De Souza (2006) o judô feminino teve início na década de 1920, porém com Decreto-Lei 3.199 que impedia a prática de esportes de combate para mulheres elas enfrentaram diversas barreiras e seu crescimento foi retardado. Contudo nas Olimpíadas de Pequim em 2008 veio a primeira medalha olímpica em esporte individual com a atleta Ketleyn Quadros, na categoria leve até 57 kg. Nesta ocasião, a técnica da seleção brasileira de judô, Rosicleia Campos, pediu mais “RESPEITO” às praticantes mulheres, o que repercutiu em mudanças e investimentos no judô feminino brasileiro (DE SOUZA E MOURÃO, 2012).

No entanto, Ferreira et al (2017) mostra que as mulheres ainda enfrentam muitas barreiras no meio esportivo, sua pesquisa realizada com 13 técnicas esportivas, de 8 modalidades, mostrou que as principais barreiras enfrentadas foram a apropriação majoritária de homens, preconceito, baixa remuneração entre outros. Conclui-se que as treinadoras ainda enfrentam muitas dificuldades que limitam sua presença à frente de grandes cargos e no comando esportivo brasileiro.

Na concepção de Ruffoni (2004) o judô feminino vem crescendo aos poucos dentro do contexto nacional e acredita-se que existe uma modificação gradativa, tendo em vista o crescimento de mulheres em módulos (curso de formação de faixas pretas), cursos de arbitragens e suas participações em competições que percebe que acontece a partir de idades mínimas até a fase adulta.

Na próxima tabela será apresentada a faixa etária dos sujeitos participantes, cabendo destacar novamente que devido a Pandemia de COVID-19, foram excluídos da amostra os menores de 18 anos, devido à dificuldade de obtenção de autorização dos responsáveis. A faixa etária foi dividida em dois quadros, o primeiro de 18 a 29 anos sintetizando as classes sub 18, sub 21 e sênior, de acordo com a FJERJ (2020), neste grupo tivemos um total de 87 sujeitos de ambos os sexos. O segundo quadro é formado por praticantes a partir dos 30 anos (recorte transversal de 2020), onde responderam 68 sujeitos de ambos os sexos. O grupo a partir dos 30 anos é classificado dentro da modalidade como Veterano, tendo a participação de grupos organizados que apoiam a prática nessa faixa etária como a Associação de Judô Veteranos do Rio de Janeiro (AJVRJ). Vale exaltar que competições dessa classe não são classificatórias para Jogos Olímpicos, apesar de existirem campeonatos internacionais como Sul-Americano, Pan-Americano e Mundial.

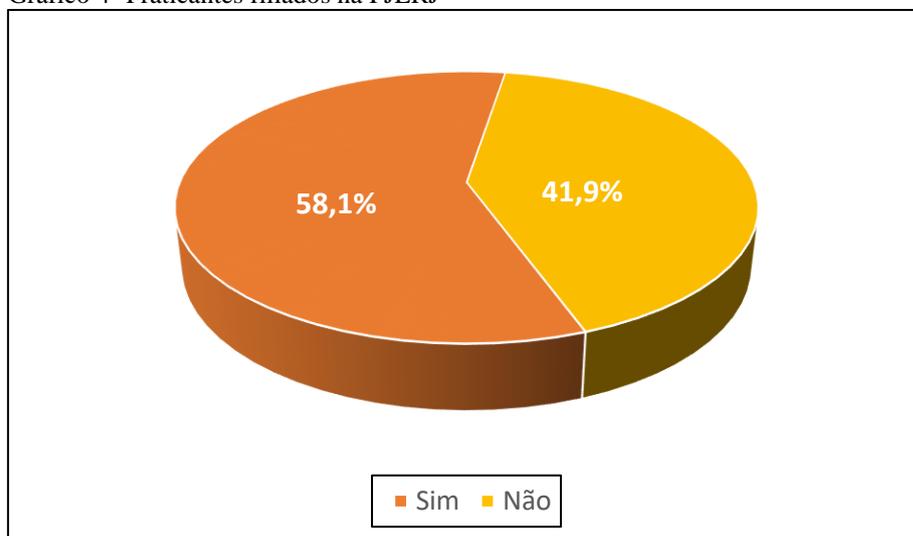
Tabela 6- Faixa etária dos praticantes de judô

Faixa Etária	Nº Participantes	Sexo
De 18 a 29 anos	87	Ambos os sexo
De 30 anos em diante	68	Ambos os sexo

Tivemos participantes de idades dos 18 até 68 anos, como dito anteriormente, não há limites de idades para a prática do judô. Porém, se tratando de competições, as idades para praticantes devem ser a partir dos 04 anos, organizadas pela FJERJ dentro de um circuito de 04 a 06 anos no formato de “aulão”, com atividades lúdicas e competitivas. Em seguida vem as classes sub 9, sub 11, sub 13, sub15, sub 18, sub 21 e a classe sênior, podendo a partir dos 30 anos os atletas migrarem para a classe veteranos.

A seguir iremos observar o gráfico referente aos participantes que são filiados e não filiados à FJERJ, o registro em uma entidade permite acesso a torneios oficiais, reconhecimento no esporte, incentivos governamentais e patrocínios, além de ser a trajetória para se alcançar o ápice do esporte, que seria a participação nos Jogos Olímpicos.

Gráfico 4- Praticantes filiados na FJERJ

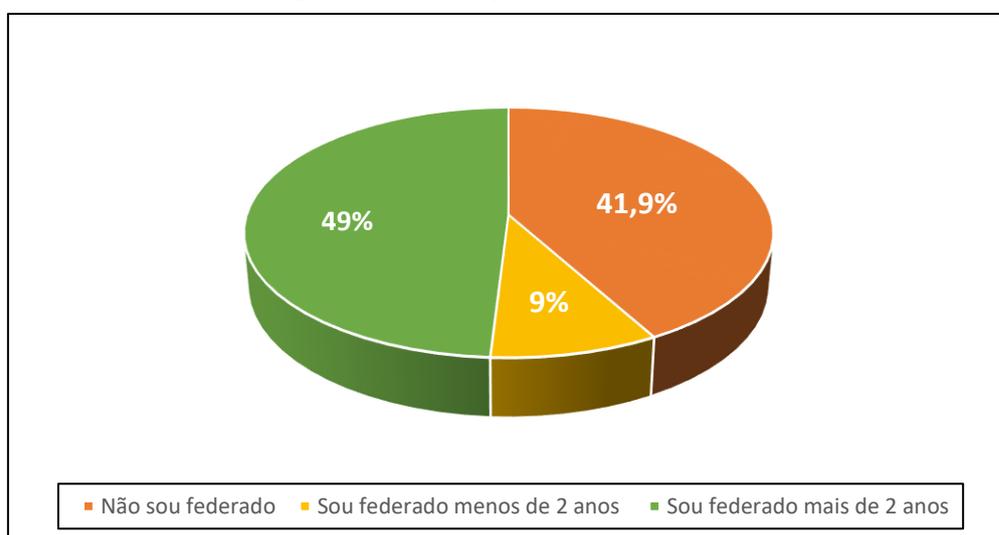


Os números apresentados foram os seguintes, 58,1% (90 participantes) responderam que são filiados à FJERJ e 41,9% (65 participantes) responderam que não são filiados a FJERJ, lembrando que existe outras federações e filiações no Estado do Rio de Janeiro e em outros estados do Brasil. Porém à FJERJ é a única entidade representante da CBJ no Estado, que por sua vez é a entidade nacional reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB)

como organizadora da prática esportiva do judô no país, responsabilizando-se pelo desenvolvimento e registro de atletas, árbitros, técnicos e professores em competições oficiais.

No próximo gráfico iremos analisar o tempo que os participantes estão filiados a FJERJ. Foi dividido em três tópicos, o primeiro foi “Não sou federado” que foram representados por 41,9% (nº 65 participantes), seguido por “Sou federado menos de 2 anos” onde tivemos 9% (nº 14 participantes) e “Sou federado mais de 2 anos” que teve 49% (nº 76 participantes) mostrando que existe uma igualdade de filiados e não filiados, porém os que são filiados possuem uma constância maior e continuidade com a FJERJ e conseqüentemente aos processos da entidade.

Gráfico 5- Relativo ao tempo de filiação dos praticantes na FJERJ



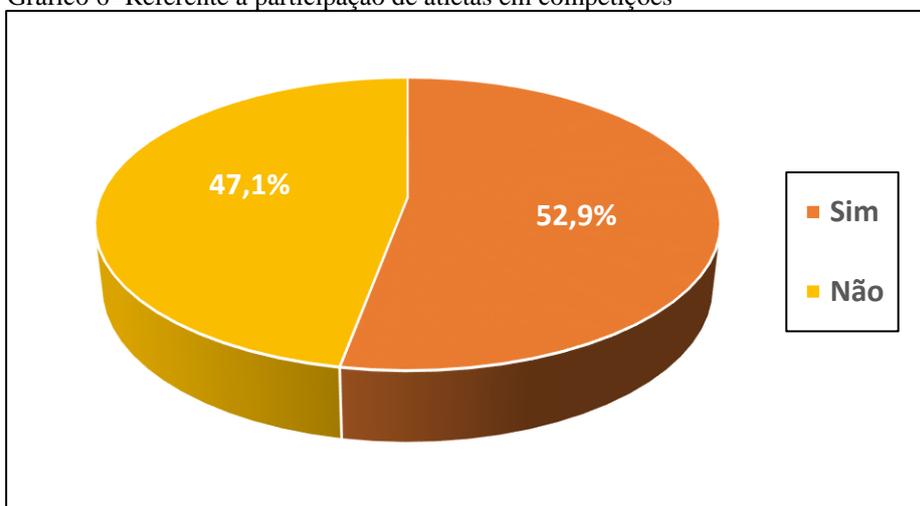
No gráfico 6 observou-se a participação dos praticantes de judô em competições como atleta. Foram 52,9% de respostas sim (82 participantes) e 47,1% (82 participantes) responderam que não participam de competição como atleta. A instituição que organiza as competições de judô no cenário mundial é a FIJ (Federação Internacional de Judô), no âmbito nacional é a CBJ e no Estado é a FJERJ que conta hoje com três sistemas de competição:

1. Festival de iniciantes, competição para alunos iniciantes federados e não federados de 05 a 14 anos, com regras adaptáveis, mas já dando uma iniciação às competições de seus praticantes;

2. Circuito Rio de Janeiro são atletas que já têm uma vivência, mas ainda não se sentem capazes de competir em alto nível ou ainda não está qualificado de acordo com seu professor. Essa classe atende a faixa etária de 11 em diante com as seguintes classes, sub 13, sub15, sub 18, sub 21 e sênior (faixa branca a verde);
3. Circuito Estadual são as competições de alto rendimento, elas são classificatórias para eventos nacionais e posteriormente internacionais, atendendo atletas que competem a partir dos 13 anos em diante com as seguintes classes, sub 15, sub 18, sub 21 e sênior (roxa a preta).

Cabe destacar que a AJVRJ tem parceria com a FJERJ na organização dos campeonatos para veteranos, dentro dos eventos da FJERJ.

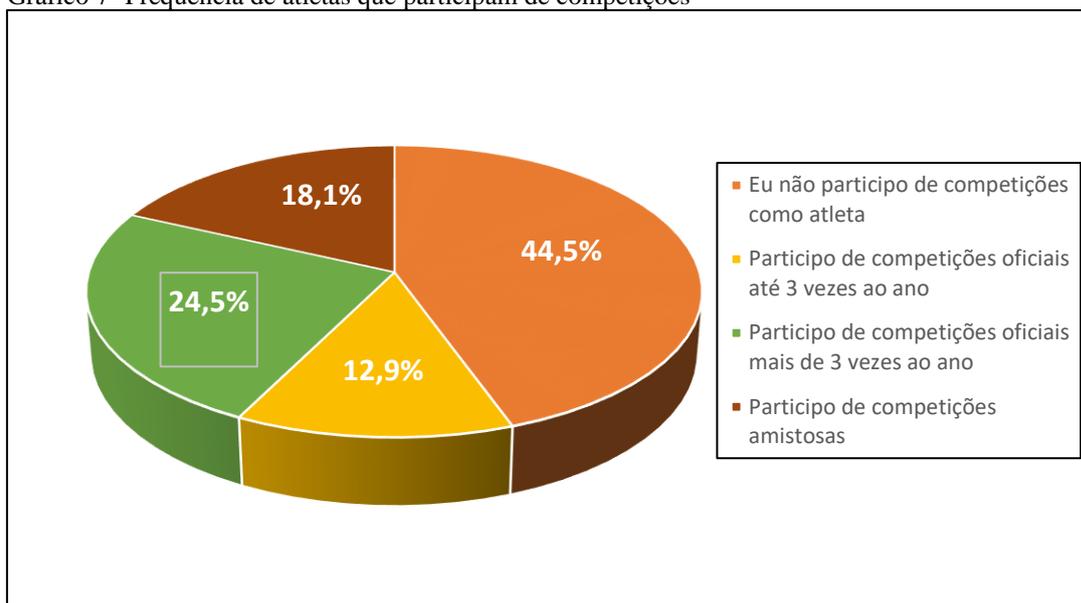
Gráfico 6- Referente a participação de atletas em competições



O gráfico seguinte mostra a frequência dos praticantes em campeonatos como atletas, assim como a constância deles nas competições. Constatamos que 55% dos sujeitos entrevistados participam e 45% não participam de campeonatos como atletas. Do total de praticantes competidores, 12,9% (20 participantes) participam de eventos oficiais até 3 vezes por ano, seguido de 24,5% (38 participantes) que participam por mais de 3 vezes por ano e 18,1% (28 participantes) que participam apenas de competições amistosas não oficiais. O resultado mostra um certo equilíbrio percentual, um pouco maior no índice de praticantes competidores, cabendo destacar o crescimento do número de praticantes competidores e eventos competitivos para a faixa etária acima dos 30 anos, que comporta a classe veteranos.

Estudo realizado por Bazello (2016) ressalta que a população idosa no Brasil e no mundo vem aumentando, e com melhorias e ampliações de serviços públicos o conceito de uma vida mais saudável vem se tornando cada vez mais um padrão na população.

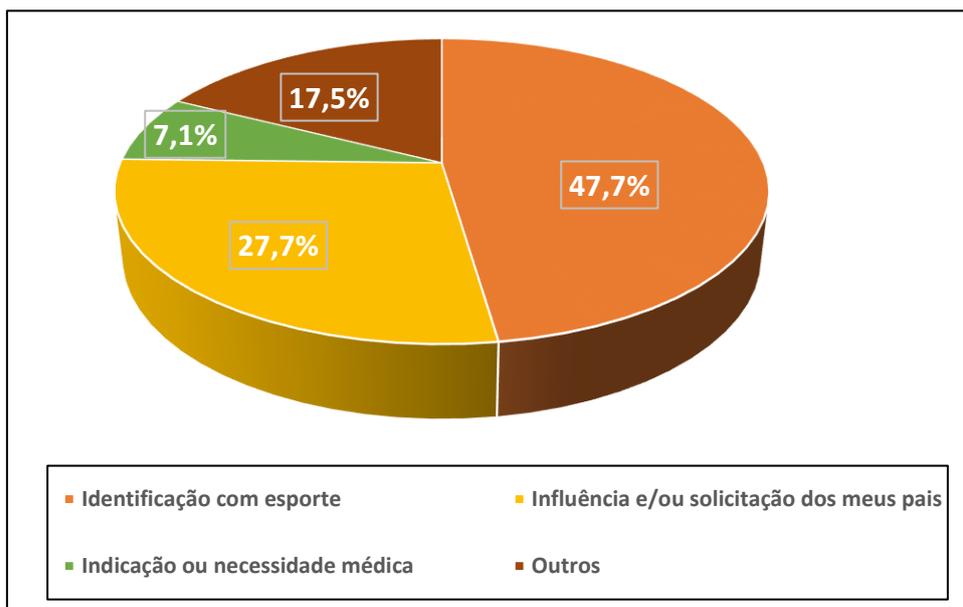
Gráfico 7- Frequência de atletas que participam de competições



Dando sequência, o gráfico seguinte responde à pergunta a respeito dos motivos pela escolha da prática da modalidade judô. O resultado mostrou que 47,7% (74 participantes) praticam judô por sua identificação com o esporte, 27,7% (43 participantes) afirmaram que a influência e/ou solicitação dos pais foi o motivo que levou a praticar a modalidade e 7,1% (11 participantes) iniciaram a prática por indicação ou necessidade médica e por fim 17,5% (27 participantes) apresentaram respostas diversas, como por exemplo amigos, simpatia pelo professor, bolsa de estudo entre outros.

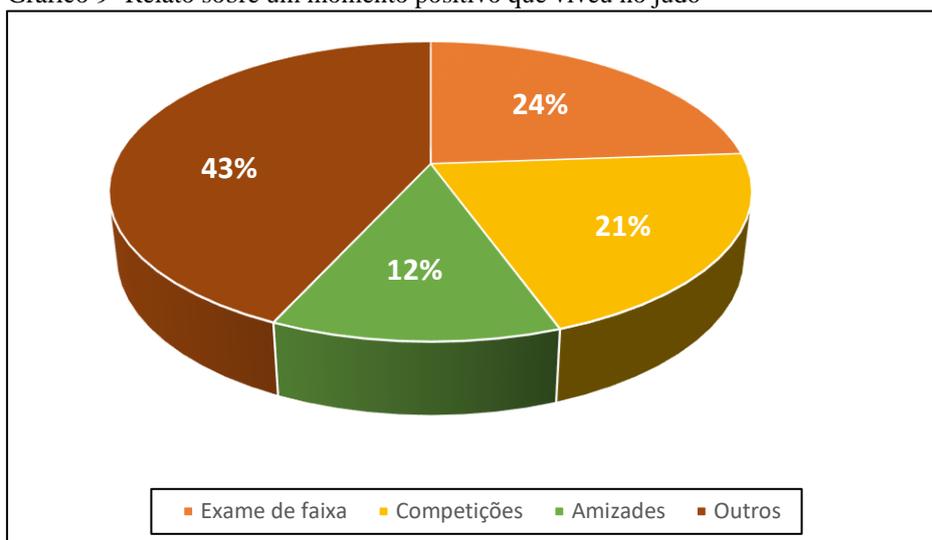
A UNESCO em 2013 declarou o judô como o melhor esporte para formação inicial de crianças e jovens de 4 a 21 anos, apontando este como um esporte de referência mundial. Para De Araujo e Neto (2018) o judô vem se tornando cada vez mais procurado devido ao seu grande destaque em competições internacionais, porém ele aponta a importância do professor no ensino desta luta e sua relevância no desenvolvimento motor e social na vida dos praticantes.

Gráfico 8- Motivo que levou a prática da modalidade judô



Nos próximos dois gráficos foram apontados um momento positivo e um momento negativo na prática do judô. Ao analisar o gráfico 9, referente ao momento positivo, constatou-se que o exame de faixa foi o maior percentual com 24% (37 participantes), seguido por competições com 21% (32 participantes) e amizades com 12% (19 participantes). A opção outros teve o maior percentual, foram 43% (67 participantes) das respostas, dentre as opções marcadas, encontram-se, estilo de vida, saúde, bolsa de estudo e outros.

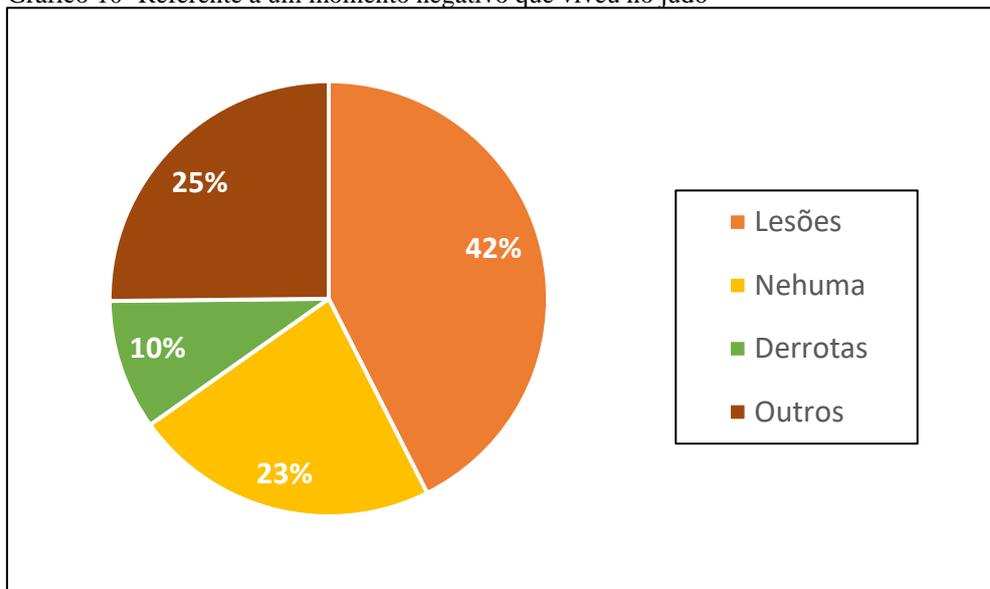
Gráfico 9- Relato sobre um momento positivo que viveu no judô



Na análise dos momentos negativos a resposta com maior incidência foi lesão, somando um percentual de 42% (66 participantes), em seguida tivemos a resposta “nenhum”

com 23% (35 participantes), indicando a inexistência de um momento negativo marcante. A opção “derrotas” foi apontada como momento negativo por 10% (15 participantes), e pôr fim a opção “outros” que teve 25% (39 participantes), dentre as respostas de outros, observamos a família, amigos e eu mesmo entre outras respostas que os judocas responderam.

Gráfico 10- Referente a um momento negativo que viveu no judô



O judô ensina e mostra filosofia e conceitos que são utilizados a todo momento no tatame, mas que também são levados para fora dele, uma delas é aprender a lidar com a derrota e saber controlar a vitória.

No próximo gráfico a pergunta foi referente a quem foi o maior adversário na prática do judô, a resposta com maior percentual foi as inseguranças com 47% (72 participantes) seguido por 21% (33 participantes) que responderam adversários, família e/ou amigos com 11% (17 participantes) e por fim outros com 21% (33 participantes), que dentre as respostas tiveram lesão, trabalho e estudo. Muitos praticantes na época do vestibular, que acontece em torno dos seus 17 anos, acabam abandonado o judô por não conseguirem conciliar o judô com os estudos.

A próxima figura representa o resultado da análise prototípica e apresenta a distribuição de palavras em quatro quadrantes que foram evocadas a partir do termo indutor “judô”, indicando os elementos centrais da RS dos praticantes da modalidade. No primeiro quadrante (superior esquerdo) ficam os cognemas evocados com maior frequência, que segundo estudos de Jean Claude Abric formam o núcleo central, “determinando o significado, a consistência e a permanência, vão então resistir às mudanças, visto que toda modificação

do núcleo central provoca uma transformação completa da representação” (ABRIC, 2000, pág. 38).

A palavra de maior força mostrada na análise prototípica foi **disciplina** seguida de **respeito, amizades e saúde**, que simbolizam com clareza o judô e tudo o que ele representa. Segundo estudo de Mendes (2015) “O judô e a formação cidadã” mostra que a disciplina está intrinsecamente ligada à prática do judô, tendo influência direta na formação de seus praticantes, norteados por princípios e valores para o bem, formando cidadãos melhores.

Porém Mesquita (1994) em seu estudo sobre “Identificação de incidências autoritárias existentes na prática do judô e utilizadas pelo professor” destaca que as aulas de judô trazem padrões disciplinadores que são confundidos por professores com autoritarismo, estabelecendo aulas mecanizadas em que o aluno é obrigado a reproduzir o que é mandado deixando de ter a liberdade de refletir e criar, questionar e pensar sobre seu processo ensino aprendizagem.

Estudo realizado por Feitosa et al (2018) ressalta a importância de conhecer as barreiras dos alunos, pois conhecendo-as os professores conseguirão ter um entendimento maior sobre o universo do aluno, facilitando seu processo de ensino-aprendizagem, incluindo-os de forma integral nas aulas.

O segundo quadrante (superior direito) retrata a primeira camada periférica, onde os cognemas foram de alta frequência, porém não foram imediatamente evocados, seguindo o terceiro quadrante (inferior esquerdo) com elementos de baixa frequência. No entanto, um cognema chamou atenção no terceiro quadrante (um espaço social que pode representar um sub-grupo minoritário) que foi “resiliência”. Para Pinheiro (2004) a resiliência é “a capacidade de o indivíduo, (...), enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, mas conseguir superá-las.”

Corroborando o autor ainda salienta em seu estudo que a palavra é um desafio para futuro humano e a capacidade psicológica que as pessoas têm de se recuperarem depois de adversidades e ainda conseguirem superá-las serão os desafios do novo milênio. Já observamos mudanças que acontecem cada vez mais que cada vez se mostram maiores, onde as pessoas têm que se adaptarem rapidamente para conseguirem vencer esses desafios.

E por fim foi analisado o quarto quadrante (inferior direito), que apresenta os elementos tardiamente evocados e com baixa frequência. Os elementos do segundo quadrante em diante são considerados elementos periféricos que segundo definição de Abric (1994, p. 79-80) são:

“Mais flexível que os elementos centrais, assegurando assim uma segunda função: a de regulação e de adaptação do sistema central aos constrangimentos e as características da situação concreta à qual o grupo se encontra confrontado. Ele é um elemento essencial nos mecanismos de defesa que visam proteger a significação central da representação. É o sistema periférico que vai inicialmente absorver as novas informações ou eventos suscetíveis de colocar em questão o núcleo central.”

Na concepção de Sá (2002) o sistema central é estável, coerente e sólido e o sistema periférico é flexível, adaptável e aberto a mudanças, formando um sistema dual de organização interna das representações. A autora Denise Jodelet (1989, p. 29) realça a importância dos estudos das RS e a necessidade de sistematização desse campo, buscando “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para construção de uma realidade comum a um conjunto social.”

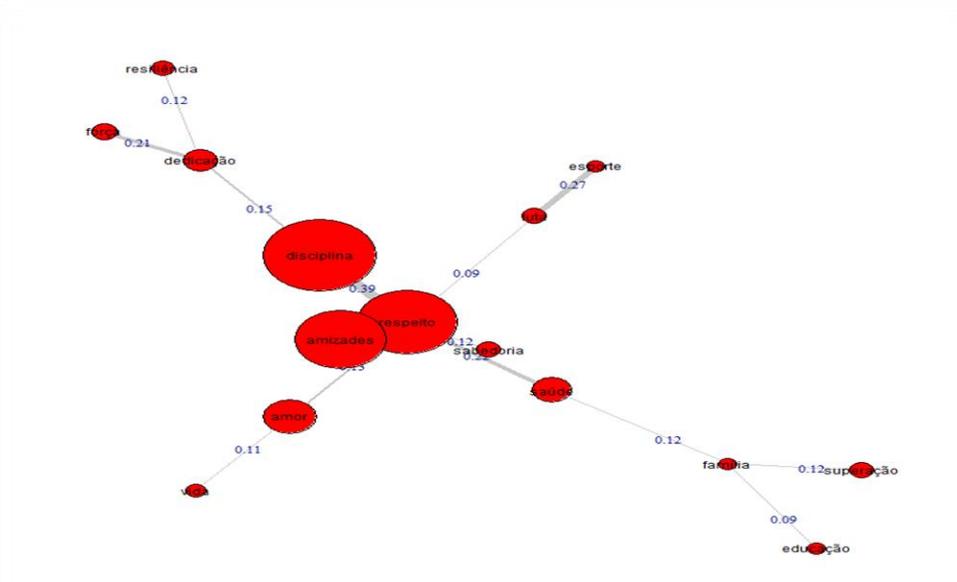
Tabela 7 - Análise Prototípica dos praticantes de judô

		<2,5 ordem média de evocação ≥2,5			
Disciplina	76	2,3	Amor	36	2,9
Respeito	68	2,2	Dedicação	24	3,3
Amizades	63	2,8			
Saúde	31	2,8			
			Frequência ≥ 10		
<hr/>					
Frequência < 10					
Resiliência	16	2,8	Superação	17	3,1
Vida	14	2,1	Força	17	3,9
Caminho	7	2,6	Sabedoria	16	2,9
			Luta	16	3,9
			Esporte	12	3,8
			Educação	12	3,2
			Família	12	2,9
			Determinação	10	3,2
			Humildade	10	3,3
			Treino	8	3,6
			Organização	8	3,9
			Sensei	8	2,60
			União	7	2,83
			Honra	7	2,66
			Paciência	7	2,75

A figura seguinte apresenta a análise de similitude dos cognemas evocados, em que se nota que os grandes eixos conectores apresentados foram “respeito” e “disciplina”. Outro elemento que se liga fortemente ao cognema “disciplina” é “dedicação”, acompanhado por duas ramificações que se estendem a partir dos elementos “força” e “resiliência”. O cognema que converge o maior número de segmentos, alcançando maior centralidade na figura é “respeito”, ligado diretamente “luta”, “sabedoria”, “disciplina” e “amizade”. Posicionados

periféricamente na figura nós temos “ família”, ramificada em superação e educação, e no extremo oposto “dedicação”, ramificado em força e resiliência. Os cognemas “esporte” e “vida” também aparecem em extremos opostos na periferia da figura. Podemos inferir que provavelmente os cognemas disciplina e respeito são elementos centrais na representação social do judô para a amostra analisada.

Figura 3 - Análise Similitude dos praticantes de judô



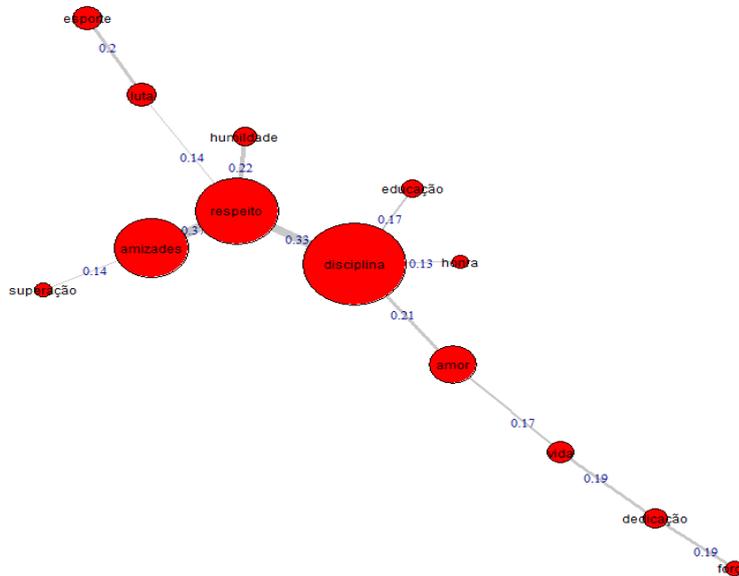
Em seguida foi feita uma análise prototípica específica aos praticantes do sexo masculino que são compostos por 93 sujeitos de idades que variam de 18 a 68 anos. No primeiro quadrante (superior esquerdo) onde localiza-se o núcleo central, tivemos dois cognemas importantes: respeito (F=25 OME=1,96) e disciplina (F=22 OME=2,09). Como elementos periféricos mais fortes, no segundo quadrante (superior direito), aparecem os cognemas “amor” e “amizades”. Em seguida aparecem elementos periféricos com menos importância, como no quadrante inferior esquerdo onde encontramos os termos “honra”, “sabedoria”, “determinação”, “humildade”, “treino” e “educação”. Por fim, no quadrante inferior direito surgem “dedicação”, “esporte”, “prazer”, “superação”, “luta”, “vida” e “força”.

Tabela 8 – Análise prototípica dos praticantes do sexo masculino

		<2,5 ordem média de evocação		≥2,5	
Disciplina	22	2,09	Amizades	28	2,53
Respeito	25	1,96	Amor	18	1,96
			Frequência ≥ 10		
Frequência < 10					
Determinação	7	1,71	Dedicação	9	2,55
Educação	8	2,37	Esporte	5	2,60
Família	7	2,28	Força	9	2,88
Honra	7	1,57	Luta	9	2,66
Humildade	9	2,00	Prazer	5	2,60
Sabedoria	8	1,62	Saúde	6	2,83
Treino	6	2,33	Superação	6	2,66
			Vida	8	2,75

A próxima figura é referente à análise de similitude do mesmo grupo analisado anteriormente, onde nota-se que os cognemas “**disciplina**” e “**respeito**” aparecem no centro, mostrando ser uma representação de grande importância para os praticantes de judô. Com base nesse dois cognemas são criadas duas ramificações que em alguns casos ainda se ligam em outras, ligados a disciplina vem as seguintes palavras: educação, honra, amor, vida, dedicação e força. Ligados ao cognema respeito temos em um segmento as palavras “amizades” e “superação”, em outra “humildade” e por fim uma ligação com os termos “luta” e “esporte”.

Figura 4 – Análise de similitude dos praticantes do sexo masculino



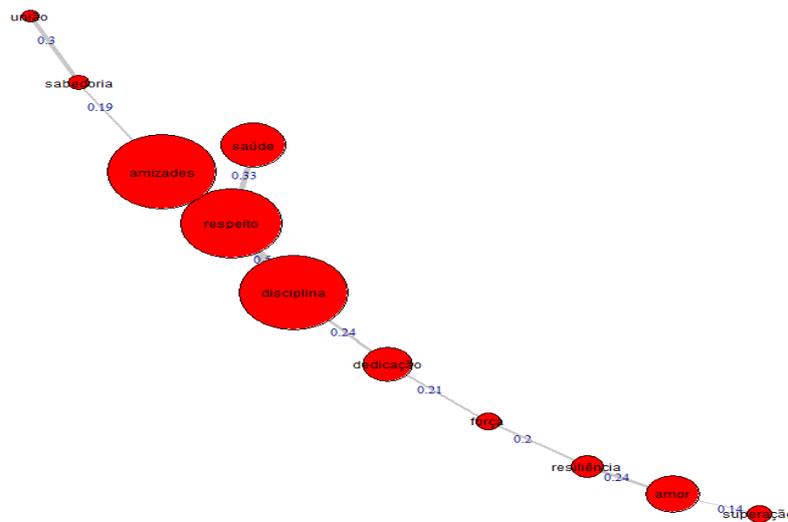
Dando continuidade, o próximo grupo analisado foi do sexo feminino que tiveram 62 participantes e como podemos observar na tabela abaixo, o quadrante superior esquerdo mostra dois cognemas “respeito” (F= 23 OME= 1,91) e “disciplina” (F= 14 OME= 2,14), que são os mesmos vistos no grupo do sexo masculino. O quadrante superior esquerdo apresenta a provável estrutura do núcleo central e nos demais quadrantes os elementos periféricos. Seguindo no quadrante superior direito surgem os cognemas “saúde” e “amizades”, no quadrante inferior esquerdo “amor”, “sabedoria”, “união”, “resiliência”, “superação”, “dedicação” e “harmonia”. O quadrante inferior direito aparece com o elemento “força”.

Tabela 9 – Análise prototípica dos praticantes do sexo feminino

		<2,5 ordem média de evocação		≥2,5	
Disciplina	14	2,14	Amizades	31	2,71
Respeito	23	1,91	Saúde	22	2,59
			Frequência ≥ 10		
Frequência < 10					
Amor	10	2,10	Força	7	3,28
Dedicação	11	2,36			
Harmonia	5	2,40			
Resiliência	9	2,22			
Sabedoria	6	2,16			
Superação	7	2,28			
União	5	2,20			

Prosseguindo para a próxima figura onde foi feita uma análise de similitude, os dois cognemas principais, “disciplina” e “respeito”, também aparecem com grande impacto gerando ramificações a partir deles. Ao lado da palavra “disciplina” aparecem termos “dedicação”, “força”, “resiliência”, “amor” e “superação”. No lado do cognema “respeito” surge uma ramificação para “saúde” e outra com as palavras “amizades”, “sabedoria” e “união”.

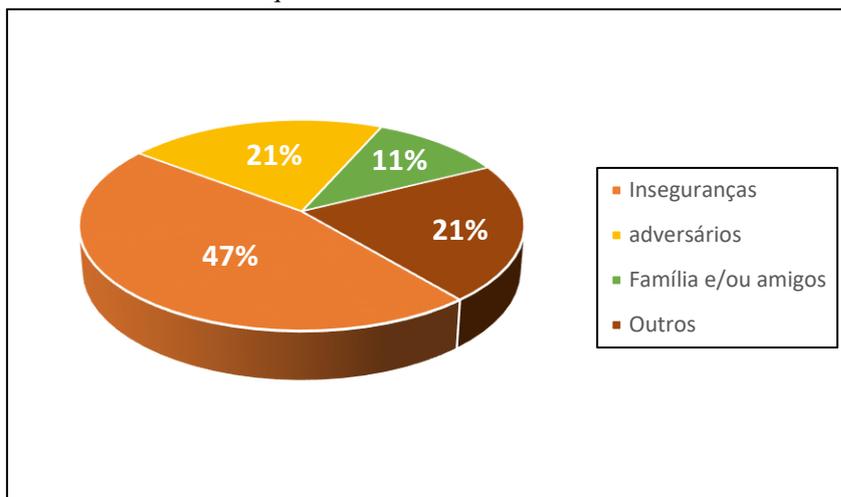
Figura 5 - Análise Similitude dos praticantes do sexo feminino



Fazendo uma análise prototípica comparativa entre o sexo masculino e feminino, percebe-se que os cognemas “**disciplina**” e “**respeito**” apresentam-se como os elementos mais fortes em ambos os sexos. Na análise de similitude também notamos os mesmos ocupando espaço de protagonismo central na figura, mostrando-se constantes em ambos os grupos. Esses dados nos permitem apontar ambos os cognemas “disciplina” e “respeito” como possíveis elementos do núcleo central desta RS.

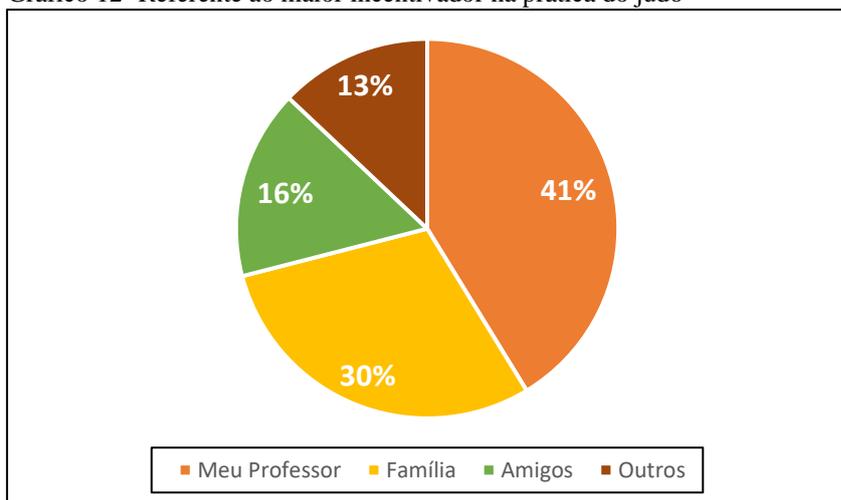
Os praticantes de judô podem encontrar diversas barreiras em sua prática dentro de múltiplos cenários, como adversários em campeonatos, dificuldade de locomoção ao treino, resistência de familiares, entre outros. A partir disso foi feita a seguinte pergunta aos participantes “No momento atual ou no momento em que você parou de praticar judô, quem foi ou é o seu maior adversário?”. Obtivemos as seguintes respostas: com percentual de 47% (72 participantes) tivemos a insegurança; com 21% (33 participantes) adversários; família e/ou amigos foram apontados por 11% (17 participantes); e por fim outros, que tiveram o percentual de 21% (33 participantes), onde podemos sinalizar que trabalho, estudo, lesão e etc, foram adversários dos praticantes de judô.

Gráfico 11- Referente a quem foi o seu maior adversário



Buscando conhecer mais sobre o perfil dos praticantes e como surgiu o interesse pela prática do esporte, foi perguntado quem foi o maior incentivador para prática do judô. A resposta que mais apareceu foi o professor, com 41% (64 participantes). Para a autora Bulgraen (2010) o professor deve ser um mediador no processo ensino aprendizagem do aluno, formando um aluno crítico na sociedade. Dando sequência, a família obteve 30% (46 participantes) das respostas, amigos teve 16% (25 participantes), seguido por outros com 13% (20 participantes), que dividiu-se entre “eu mesmo”, “namorado(a)” e “outros”.

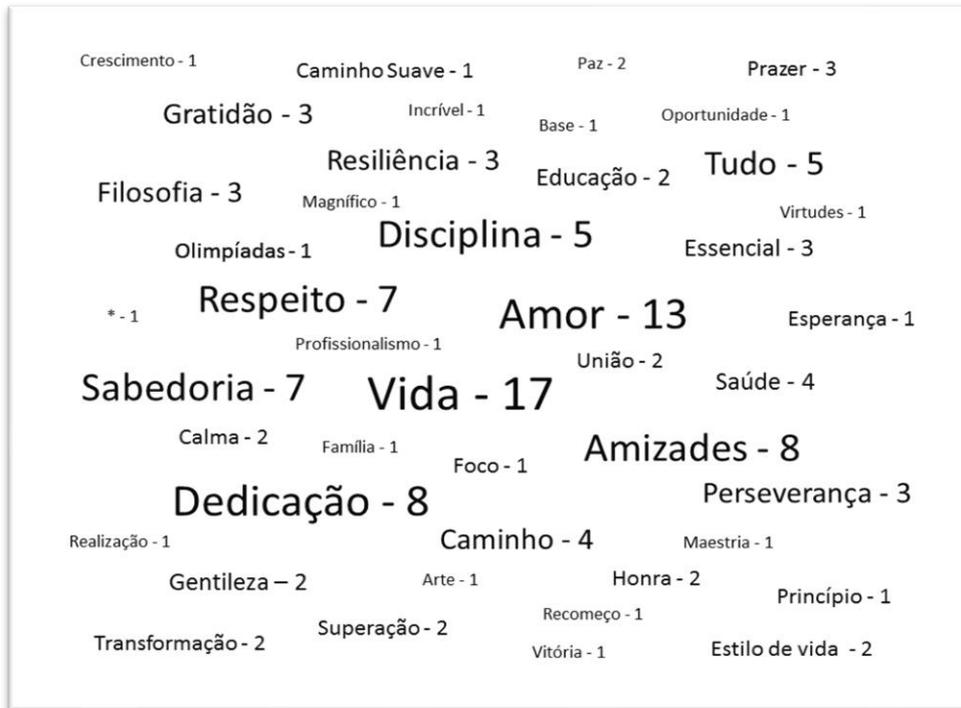
Gráfico 12- Referente ao maior incentivador na prática do judô



Por fim foi feita a seguinte pergunta “ Se você pudesse resumir o judô em uma única palavra, qual seria essa? ” As respostas foram as mais diversas, mas a palavra com maior percentual foi “vida” com 17 respostas, seguido por amor com 13, dedicação com 8,

amizades com 8 e outros que representam 109 respostas. Essa pergunta não foi feita com embasamento metodológico da evocação livre de palavras, mas busca de forma aberta entender a perspectiva consciente dos praticantes com relação a modalidade.

Figura 6- Referente ao resumo do judô em uma palavra



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar através do método de evocação livre de palavras do termo indutor “judô”, a possível estrutura da RS desta modalidade em seus praticantes. Buscou também analisar possíveis diferenças da RS do judô entre os sexos.

Através dos estudos da TRS de Serge Moscovici e das contribuições da abordagem estrutural de Jean Claude Abric e de outros autores, foi possível avaliar a estrutura representacional deste objeto em grupos de praticantes da modalidade, compreendendo melhor como estes enxergam a prática.

Dessa forma pudemos identificar o provável núcleo central desta RS, que foram apresentados nos primeiros quadrantes das três análises prototípicas realizadas, além da centralidade e força que apareceram nas análises de similitude. Os cognemas de maior frequência e de maior ordem média de evocação foram “disciplina” e “respeito”, aparecendo com grande força tanto nas análises prototípicas do total da mostra, quanto naquelas dos grupos masculino e feminino. A centralidade desses elementos se repetiu igualmente nas análises de similitudes, que não apresentaram diferença central entre os sexos.

Os resultados do estudo indicam que para seus praticantes, os valores disciplina e respeito estão intrinsecamente ligados a essa prática. Destacando-se a importância da disciplina na trajetória esportiva, exigida nos treinos, posteriormente em seus estudos e em sua vida. O respeito por sua vez é um elemento de destaque na cultura oriental, originária do judô, e como tal acompanha a modalidade ritualisticamente, em gestos de cumprimento por exemplo, e conceitualmente, tomando como exemplo a valorização hierárquica das graduações.

No entanto surge uma inquietação que nos desperta o interesse por novos estudos sobre o tema com não praticantes da modalidade, para que possamos discutir se existe uma lacuna entre os grupos de praticantes e não praticantes. Dessa forma termino o estudo destacando a importância da investigação a respeito do tema das RS do judô, a possibilidade de aprofundamento e de novos trabalhos com diferentes grupos, afim de enriquecer a ciência de um esporte Olímpico, que é o maior medalhista do país, e que soma mais de 20 milhões de praticantes pelo mundo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, M. **Crítica política das políticas da juventude**. In Freitas, M. V. e Papa, Fernanda (orgs.), *Políticas públicas : Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ABRIC, J. C.; GUIMELLI, C.; ABRIC, J. C. A organização das representações sociais: sistema central e sistema periférico. **Guimelli CH. Structures et transformations des représentations sociales. Lausanne (CH): Delachaux et Niestlé**, p. 73-84, 1994.
- _____. (2000) **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: Moreira, A. S. P.; Oliveira, D. C. *Estudos interdisciplinares de representação social*. 2. ed. rev. Goiânia: AB Ed. 2000. 307
- ANAGAI (2017) - Associação Nagai – Disponível em <https://www.associacaonagai.org.br/matheus-idalino-judo>. Acesso realizado no dia 15/09/2019.
- _____. (2017) - Disponível em <https://www.associacaonagai.org.br/silvana-nagai-judo>. Acesso realizado no dia 15/09/2019.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002.
- BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.
- BAZELLO, Bárbara et al. Prática esportiva do idoso: autoimagem, autoestima e qualidade de vida. **Boletim de Psicologia**, v. 66, n. 145, p. 171-186, 2016.
- BREDA, M. (2010) **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte.
- BRUNER, Jerome S.; GOODNOW, Jacqueline J.; GEORGE, A. Austin. A study of thinking. **New York: John Wiley & Sons, Inc**, v. 14, p. 330, 1956.
- BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo, Capivari**, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010.
- CARPEGGIANI, J. C. et al. **Lesões no jiu-jitsu: estudo em 78 atletas**. 2004.
- CBJ 2013 - **Confederação Brasileira de Judô** – Disponível em <https://cbj.com.br/noticias/2924/UNESCO+declara+jud%F4+como+esporte+mais+adequa+do+para+crian%E7as.html>. Acesso realizado no dia 10/08/2019.
- CBJ 2019 - **Confederação Brasileira de Judô** – Disponível em https://cbj.com.br/historia_do_judo/. Acesso realizado no dia 15/09/2019.

- CORREIA, M. M. **Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões preliminares para uma gestão social.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 29, n. 3, 2008.
- CORREIA, W. R., & FRANCHINI, E. (2009). **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate.** Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, 16(1), 01-09.
- DA SILVA, Gisele Passeri. Histórico da mulher no judô preconceitos, estereótipos e discriminações. **Motrivivência**, v. 1, n. 5, p. 195-207, 1994.
- DE ARAUJO, Pablo Rennan Miranda; NETO, José Mapurunga. **Benefícios do judô na educação física e sua regulamentação.** Revista UNI-RN, p. 43, 2018.
- DE OLIVEIRA, M. (2012). **O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares.** Debates do NER, 2(22), 67-94.
- DE OLIVEIRA SANTOS, José Victor et al. **Análise prototípica das representações sociais sobre as infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes.** Psicogente, v. 22, n. 41, p. 1-18, 2019.
- DE SOUZA, Gabriela Conceição; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil.** Mauad Editora Ltda, 2011.
- DE SOUZA, Gabriela C. Narrativas do judô feminino brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992. **Usos do Passado—XII Encontro Regional de História**, p. 1-10, 2006.
- DE SOUZA, Gabriela Conceição; MOURÃO, Ludmila. Judô feminino brasileiro da oficialização do judô feminino ao ouro olímpico: narrativas de uma treinadora. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Florianópolis- v. 10, 2012.
- DEL VECCHIO, F. B., & FRANCHINI, E. (2006). **Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física.** Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioética, 1, 99-108.
- FARR, R. M. **Representações sociais: a teoria e sua história.** In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). Texto em representações sociais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 31-59.
- FEITOSA, L. C.; Ruffoni, R ; Padrenosso, A, L ; Morgado. F ; KOPP, E. M. . **Facilitadores e Barreiras de Pessoas com Deficiência que Praticam Exercício Físico.** In: FIEP BULLETIN, 2018, Foz do Iguaçu. Facilitadores e Barreiras de Pessoas com Deficiência que Praticam Exercício Físico. Foz do Iguaçu: Special Edition, 2018. v. 88. p. 91-91.

- FERREIRA, Heidi Jancer et al. Barriers faced by brazilian female coaches. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 2, p. 479-488, 2017.
- FLAMENT, C. **Estrutura e dinâmica das representações sociais**. As representações sociais, p. 173-186, 2001.
- GOHN, M. G. **Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social**. Revista Meta: Avaliação, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2009.
- GONÇALVES, M. A. R. **A vila olímpica da Verde-e-Rosa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. (Violência, Cultura e Poder).
- GONÇALVES, R. B. **O sincretismo de culturas sob a ótica da arquitetura vernácula do imigrante japonês na cidade de Registro, São Paulo**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 16, n. 1, p. 11-46, 2008.
- JESUÍNO, Jorge Correia. A psicologia social europeia. **Psicologia Social**. Lisboa: **Fundação Calouste Gulbenkian**, p. 49-53, 1993.
- JODELET, D et al. **Représentations sociales: un domaine en expansion**. Les représentations sociales, v. 5, 1989.
- JODELET, D. **La representación social: fenómenos, concepto y teoría**. Moscovici, Serge. Psicología Social II. Paidós. Bs As, 1986.
- JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. As representações sociais, p. 17-44, 2001.
- JODELET, D; MOSCOVICI, S. **Les représentations sociales dans le champ social**. Revue internationale de psychologie sociale, v. 3, n. 3, p. 285-288, 1990.
- JODELET, D. (2011). **A fecundidade múltipla da obra “A psicanálise, sua imagem e seu público”**. In ALMEIDA, A. M. de O., SANTOS, M. de F. de S. & TRINDADE, Z. A. (Orgs), *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, p. 305-332.
- KANO, J. **Kodokan judo: The essential guide to judo by its founder Jigoro Kano**. Japan: Kodansha International, 1994.
- KANO, Jigoro. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- LANÇANOVA, J. E. da S. **Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas**. Alegrete: Universidade da Região da Campanha, 2006.
- LANDIM, L. **Múltiplas identidades das ONGs**. In Haddad, Sérgio (org.), *ONGs e Universidades. Desafios para a cooperação na América Latina*. São 15 Paulo: Abong, Peirópolis, 2002.

LAVALLE, A. A. G.; CASTELO, G.; BICHIR, R. **Redes, protagonismos e alianças no seio da sociedade civil**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30. 2006, Caxambu.

LISE, R. S; SANTOS, N; CAPRARO, A. M. **“A legenda dos Gracie”:** uma análise da crônica de Nelson Rodrigues. *Movimento*, v. 20, n. 4, p. 1329-1349, 2014.

MAIA, Junot de Oliveira et al. **Fogos digitais: Letramentos de sobrevivência no Complexo do Alemão/RJ**. 2017.

MARTINEZ, Anna Paula; MARTINEZ, José Eduardo; LANZA, Leni Boghossian. Há correlação entre classe social e a prática de atividade física?. *Acta fisiátrica*, v. 18, n. 1, p. 27-31, 2011.

MAZZOTTI, A. J. A. **A abordagem estrutural das representações sociais**. *Psicologia da Educação*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520, n. 14-15, 2002.

MENDES, Michael Reyne; MULERO, Andre Uitiro Munekata. O judô e a formação cidadã. *Revista de EDUCAÇÃO do Cogeime*, v. 24, n. 47, p. 59-68, 2015.

MESQUITA, C. W. **Identificação de incidências autoritárias existentes na prática do judô e utilizadas pelo professor**. Dissertação de mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

MINAYO, M. C. D. S. (1995). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *Textos em representações sociais*, 2, 89-111.

MORAES, D. F; RUFFONI, R; SOUZA, C. G. D. **A utilização dos princípios filosóficos de judô no cotidiano dos judocas do Rio de Janeiro**. *Fiep Bulletin*. Volume 81, Special edition. Article, 2011.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, v. 1961, 2012.

MOSCOVICI, S. **Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história**. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 45-66, 2001.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad. de Álvaro Cabral. Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Social influence and social change**. Academic Press, 1976.

NAIFF, L. A. M, Sá, C. P., & Naiff, D. G. M. (2005). **Exclusão social nas memórias autobiográficas de mães e filhas [CD-ROM]**. In *Anais da IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais* (pp. 1233-1247). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba.

NAIFF, L. A. M. & Naiff, D. G. M. (2008). **Educação de jovens e adultos em uma análise psicossocial: representações e práticas sociais**. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 402-407.

- NEUFELD, Carmem Beatriz; BRUST, Priscila Goergen; STEIN, Lilian Milnitsky. Bases epistemológicas da psicologia cognitiva experimental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 103-112, 2011.
- NÓBREGA, S. M. & COUTINHO, M. P. L. (2003). **O Teste de Associação Livre de Palavras**. In: M. P. L. Coutinho (Org.), Representações Sociais: Abordagem interdisciplinar. (pp.67-77). Editora Universitária, UFPB, João Pessoa. Recuperado de: https://books.google.com.br/books/about/Representa%C3%A7%C3%B5es_sociais.html?id=DSrxAAAAMAAJ.
- NUNES, A. V; RUBIO, K. **As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 26, n. 4, p. 667-678, 2012.
- OLIVEIRA D. C., MARQUES S. C., GOMES A. M. T, Teixeira M. C. T. V. (2003) **Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais** [No Prelo].
- OSTI, A; SILVEIRA, C. A. F.; BRENELLI, R. P. **Representações sociais – aproximando Piaget e Moscovici**. Schème-Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 5, n. 1, p. 35-60, 2013.
- PARIZOTTO, P. G. G. et al. **O processo de institucionalização e regulamentação de artes marciais orientais no Brasil**. Caderno de Educação Física e Esporte, v. 15, n. 1, p. 53-62, 2017.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. Editora Companhia das Letras, 2006.
- PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. A resiliência em discussão. **Psicologia em estudo**, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.
- RATEAU, P. et al. **Teoria das representações sociais**. Rennes: PUR, 2012.
- RATEAU, P., Moliner, P., Guimelli, C., & Abric, J. C. (2011). **Social representation theory**. Handbook of theories of social psychology, 2, 477-497.
- RUFFONI, R. **Análise metodológica da prática do Judô**. Mestrado em Ciência da Motricidade Humana – Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 2004. 105 p.
- RUFFONI, R. **A prática do judô: Estudo do comportamento do consumidor do município do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado em Ciência do Desporto – Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa- Portugal, 2010. 68 p.
- RUFINO, L. G. B., & Darido, S. C. (2011). **A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: Necessidade ou tradição?**. Pensar a Prática, 14(3).

- RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. **Considerações iniciais sobre o jiu jitsu brasileiro e suas implicações para a prática pedagógica.** In: Congresso Paulistano de Educação Física Escolar. 2009.
- SÁ, C. P de. **Núcleo central das representações sociais.** In: Núcleo central das representações sociais. 2002.
- SÁ, C. P de. **Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central.** Temas em Psicologia, v. 4, n. 3, p. 19-33, 1996.
- SIBILIA, P. (2012). **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto.
- TAJFEL, Henri; FRASER, Colin; JASPARS, Joseph Maria Franciscus (Ed.). **The Social Dimension: Volume 1: European Developments in Social Psychology.** Cambridge University Press, 1984.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- VALA, J. (2004). **Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano.** In VALA, J. & MONTEIRO, M. B., Psicologia Social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 457-502.
- VALA, J. **As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social.** Análise Social, v. 28, n. 123/124, p. 887-919, 1993.
- VALA, J; CASTRO, P. **Pensamento social e representações sociais.** Psicologia social (9ª edição revista e actualizada), p. 569-602, 2013.
- VERGÈS, Pierre; BOURICHE, Boumedienne. **L'analyse des données par les graphes de similitude.** Sciences humaines, p. 1-90, 2001.
- VIRGÍLIO, S. – **A arte do judô,** 2º ed. , São Paulo: Papyrus, 1986.
- WOLTER, Rafael Pecky; WACHELKE, João; NAIFF, Denis. A abordagem estrutural das representações sociais e o modelo dos esquemas cognitivos de base: perspectivas teóricas e utilização empírica. **Temas em Psicologia,** v. 24, n. 3, p. 1139-1152, 2016.
- ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social.** In: Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social. Escuta, 1994.

9. ANEXO I – Local onde foi feita a pesquisa

Devido a pandemia COVID-19 que passamos no Brasil no período da pesquisa, a pesquisa foi realizada de forma On-line pela plataforma Google Forms, disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfr8BW_Xn28OhPSW1aQdQtG1p8hzqq5S9mPGigind9u9N2iSQ/viewform?usp=sf_link

10. ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

As representações sociais do judô em praticantes da modalidade **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: “As Representações Sociais do Judô em praticantes da modalidade”, desenvolvida pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, conduzida pelo professor mestrando Luis Feitosa sob a orientação do professor Dr. Denis Naiff. Este estudo tem por objetivo investigar as representações sociais do judô em praticantes da modalidade. Para participar você precisa ser maior de 18 anos. Caso você tenha alguma questão ou dúvidas sobre a pesquisa você pode entrar em contato com o Prof. Esp. Luis Feitosa, celular: (21) 99712-9572, e-mail: profluisfeitosa@gmail.com ou Prof. Dr Denis Naiff no Departamento de Psicologia do Instituto de Educação da UFRRJ, BR 465, Km7, CEP: 23890-000. De acordo com a informação acima, a sua dúvida não será divulgada. Desde já, agradecemos por sua colaboração. **RECOMENDAMOS** que você guarde em seus arquivos uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que pode ser baixado no link a seguir: <https://drive.google.com/file/d/1a5j1q8AxA2Hlt6Nv112VzGLSZM3wXXv1/view?usp=sharing> ou entre em contato pelos meios disponibilizados para solicitar uma via deste TCLE assinado pelos pesquisadores.

11. ANEXO III – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

1. Qual é a percepção de classe social que você tem do local onde treina?

- Classe baixa;
- Classe média;
- Classe alta.

2. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- Até um salário mínimo (até R\$ 1.045,00);
- De um a três salários mínimos;
- Acima de três salários mínimos.

3. Em qual país você treina? _____

4. Em qual município você treina? _____

5. Em qual bairro você treina? _____

6. Qual é a sua agremiação? _____

7. Qual é o seu sexo:

- Feminino
- Masculino

8. Qual é o seu ano de nascimento: _____

9. Há quanto tempo você pratica judô?

- 6 meses ou menos;
- 1 a 2 anos;
- 2 anos ou mais.

10. Você é federado pela FJERJ (Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro)?

- Sim
- Não

11. Caso seja federado, há quanto tempo?

- Não sou federado.
- Sou federado menos de 2 anos.
- Sou federado mais de 2 anos.

12. Você participa de competição como atleta?

- Sim
- Não

13. Caso participe de competição como atleta, com que frequência você participa por ano?

- Eu não participo de competições como atleta.
- Participo de competições oficiais até 3 vezes por ano.
- Participo de competições oficiais mais de 3 vezes por ano.
- Participo de competições amistosas.

14. O que te levou a praticar a modalidade judô? Escolha apenas 1 opção.

- Indicação ou necessidade médica;
- Influência e/ou solicitação dos meus pais;
- Influência da mídia;
- Identificação com esporte;
- Única opção de esporte;
- Metodologia de ensino do professor;
- Simpatia pelo professor;
- Outro, qual? _____

15. Relate brevemente um momento **positivo** que viveu no judô?

16. Relate brevemente um momento **negativo** que viveu no judô?

17. Atenção, por favor escreva imediatamente as 5 primeiras palavras que vem em sua cabeça quando eu falo a palavra "JUDÔ".

18. Agora coloque em ordem de importância de 1 ao 5 (onde o "1" é o mais importante e o "5" o menos importante) das mesmas palavras que colocou na resposta anterior.

19.No momento atual ou no momento em que você parou de praticar judô. Quem é ou foi o seu maior adversário? Escolha apenas 1 opção.

- As minhas inseguranças;
- Alguns adversários;
- Minha família e/ou amigos;
- Outro, qual? _____

20.Quem você considera o seu maior incentivador na prática do judô? Escolha apenas 1 opção.

- Minha família;
- Meu professor;
- Meus amigos;
- Outro, qual? _____

21.Se você pudesse resumi o judô em uma palavra, qual palavra seria essa?

MUITO OBRIGADO(A) POR SUA COLABORAÇÃO!

Por favor, sinta-se à vontade para deixar comentários.

Deseja receber os resultados dessa pesquisa? Favor entrar em contato com o pesquisador responsável Luis Carlos Feitosa através do e-mail:

profluisfeitosa@gmail.com